

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

VALÉRIA LENTZ PORTELA

Espiritismo: identidade e literatura.

**O *status* do autor e do livro na concepção doutrinária
kardecista a partir de uma etnografia na Sociedade
Beneficente Espírita Bezerra de Menezes.**

Porto Alegre

2012

VALÉRIA LENTZ PORTELA

Espiritismo: identidade e literatura.

O *status* do autor e do livro na concepção doutrinária kardecista a partir de uma etnografia na Sociedade Espírita Bezerra de Menezes.

Monografia apresentada junto ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: EMERSON A. GIUMBELLI

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

A minha família, pelo apoio incondicional em todas as fases da minha vida. Vó Estela, tia Luísa e mãe Cristina, amo vocês!!

Ao meu amor, Henrique Horst da Silva pela companhia e apoio nos momentos decisivos.

Aos bons e velhos amigos que conheci ao longo do caminho. Aos queridos colegas, que compartilharam muitos dias e muitas aulas no campus do Vale: Fabio Abbud da Silva, Fabian Sichonany Samuel, Augusto Jaeger, Tiago Silveira e Edson Mendes Jr.

Ao meu orientador, professor Emerson Giumbelli, por ter aceitado o convite de orientação e pelas suas valiosas sugestões.

Aos meus interlocutores, pela inestimável contribuição e pelo tempo que dispuseram para compartilharem das suas experiências comigo. E pelas portas sempre abertas da Sociedade Espírita Bezerra de Menezes e a todos que lá frequentam, meus sinceros agradecimentos.

Resumo

O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa realizada numa instituição espírita, a Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes, situada em Porto Alegre. Discute-se a identidade e sua relação com literatura envolvendo autores, as obras produzidas e o perfil de leitor. Ressalta-se a particularidade de obras específicas, remontando “núcleo sagrado” desta religião. A análise desta literatura se dá a partir da percepção do sujeito dessa prática religiosa, nas quatro entrevistas realizadas, distanciando-se de um levantamento sistemático de dados no âmbito da leitura dos livros espíritas. A partir delas pode-se compreender o distanciamento entre autores e obras dentro da cosmologia espírita, salientando os principais *status* entre os primeiros e privilegiando determinadas leituras em detrimento de outras.

Palavras-chave: Espiritismo, identidade, literatura.

Abstract

This study is a qualitative research conducted in an spiritist institution, the Beneficent Society Spiritist Bezerra de Menezes, located in Porto Alegre (Brazil). It discusses the identity and its relation to literature, involving authors, books produced and reader profile. It is emphasized the particularity of specific works, dating from the "sacred core" of this religion. The analysis of this literature starts from the perception of the subject of religious practice in the four interviews, distancing himself from a systematic collection of data in the context of reading books on spiritism. From them one can understand the gap between authors and works within the spiritist cosmology, emphasizing the status of the first and favoring certain readings over others.

Keywords: Spiritism, identity, literature.

SUMÁRIO

Resumo	III
Introdução	1
1. Espiritismo: O diálogo entre o mundo visível e o invisível	9
1. 2. Religião e Literatura.....	14
2. Identidade e literatura	19
2.1 Os gêneros de literatura espírita	25
3. A Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes	31
Conclusão	49
Referências	52
Apêndices A Quadro de análise das entrevistas.....	55
Apêndices B Perfil dos entrevistados.....	56

Introdução

O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa realizada numa instituição espírita, a Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes, situada em Porto Alegre. Visa-se discutir a identidade ao que tange o trânsito religioso incidente nesta religião, remontando o seu “núcleo sagrado” sustentado a partir da literatura. A análise desta literatura se dá a partir da percepção do sujeito dessa prática religiosa, distanciando de um levantamento sistemático de dados no âmbito da leitura das obras espíritas como parte do objeto de pesquisa. Portanto, nossa fonte de informação é proveniente das quatro entrevistas e da observação em campo.

O interesse em estudar este espaço espírita derivada da investigação mais genérica sobre o espiritismo como fenômeno social em Porto Alegre. A ele atrela-se a discussão sobre o campo literário, cujo recorte planejado se dá nas obras e autores espíritas. Todavia, ressalta-se também, o tempo de inserção neste campo, onde desenvolvo atividades de observação participante desde disciplinas anteriores cursadas na UFRGS durante o curso de Ciências Sociais. Torna-se indispensável ressaltar estes aspectos, porquanto exista uma série de interesses em questão, inclusive os do pesquisador.

Há cerca de dois anos frequento com exclusividade este espaço, em comparação ao antigo trânsito por outros centros espíritas, que me auxiliaram a agregar um conhecimento panorâmico sobre estes locais. Entretanto, foi junto à reflexão antropológica que me foi permitido sistematizar, ao menos em parte, a perspectiva empírica da observação leiga. Não sou convictamente espírita, embora, professe alguns postulados filosóficos, quiçá religiosos da doutrina. A causa primeira da minha curiosidade se deu no plano da mediunidade e das manifestações dos espíritos e indagações sobre morte e reencarnação. Provavelmente, são alguns dos motes para o primeiro contato com essa religião.

Sobretudo, o que me chamou a atenção nesta casa especificamente? O que há de interessante e particular, a ponto de me conduzir a este espaço para encontrar minhas respostas, agora não somente pessoal, mas investigativas? A minha pesquisa tinha alguns critérios pré-definidos: deveria ser um espaço

onde houvesse biblioteca, livraria, cursos, palestras, etc. Elementos pertinentes a minha investigação, qual seja a relação entre a identidade espírita e sua construção a partir das obras doutrinárias. Achei pertinente considerar o tempo de funcionamento, os atendimentos, a circulação de indivíduos no sentido geral. Ademais, a possibilidade de me inserir neste contexto, ou seja, a acessibilidade que eu teria como pesquisadora.

Por conseguinte, não se trata de uma tarefa fácil conviver com os “meus nativos”, pois está sempre em jogo a minha identidade religiosa, com a pergunta sutil e, às vezes, jocosa dos meus interlocutores “tu és espírita? Ah, mas se não for, certamente será”. É complexo explicar-lhes que tenho interesses “antropológicos”, prefiro adjectivá-los de “científicos”, apropriando-me do entendimento nativo, calcado no tripé doutrinário ciência, filosofia e religião. Embora, admita que haja uma dose de admiração por algumas figuras, a do próprio Allan Kardec, Léon Dennis, Gabriel Dellane, Camille Flammarion, Francisco Candido Xavier, Bezerra de Menezes e Divaldo Pereira.

Pude observar e participar de alguns trabalhos específicos, todos fazem parte do eixo dos atendimentos: o Ciclo Introdutório de Estudos da Doutrina Espírita (CIEDE), o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), Apoio e Valorização a Vida (AVV), o Preces e Irradiações, Evangelho no Lar, diversas palestras, etc. Menciona-se a palavra trabalho, posto que a partir do momento em que se frequenta algum curso oferecido pela SBEBM você é considerado “trabalhador da casa”. Somente compreendi o fato ao questionar o facilitador do primeiro curso no qual me inscrevi, o CIEDE. Ele me explicou que, quando estamos ali nas aulas, o plano espiritual está agindo, inclusive, utilizando-se dos nossos fluidos pessoais, ou seja, nossa energia serve como instrumento dos médicos e doutrinadores do plano espiritual. Desencarnados são auxiliados com esta energia que emanamos, ao passo que, nós mesmos somos tratados pelos enfermeiros e médico espirituais que ali prestam serviço.

Tão logo, a pesquisa que fiz seguia de entrevistas com membros da SBEBM, a partir de um roteiro criado para a tentativa de solucionar as minhas indagações ou apresentar mais clareza em algum aspecto ainda pouco observado. As entrevistas foram encaixadas ao texto sequencialmente à apresentação dos entrevistados, e estes tiveram seus nomes trocados,

bastando à descrição da sua inserção institucional e alguns aspectos importantes para a pesquisa.

A inserção nos trabalhos realizados nesta casa originou observações filtradas pelo marco inicial da pesquisa – o que se lê para ser efetivamente um espírita e não somente mero especulador. Complementa-se tal perspectiva com uma tentativa de classificar os gêneros dentro da literatura espírita, obviamente, uma tarefa trabalhosa e imprecisa, mas necessária para o entendimento global da análise.

Conta-se com os trabalhos que já disponibilizaram dados sobre alguns autores que se tornaram célebres no meio espírita, seja pela sua trajetória e fidelidade aos órgãos superiores espíritas, ou pelas polêmicas que suscitaram. De outro modo, apontamos alguns autores como representantes dos gêneros que categorizamos. A partir disso, discutiremos sobre situações que envolvem identidade de pertencimento e mercado religioso.

Destarte, prefere-se certo distanciamento dos fenômenos mediúnicos ou a problematização extensiva da história do Espiritismo no contexto brasileiro, logo, situa-se no âmbito da literatura que remeta à constituição da identidade religiosa a nossa meta de trabalho. Entende-se que através desta atitude estar-se-á favorecendo uma discussão que siga um caminho pouco trilhado até o presente, e esta pode ser comprovada pela ampla citação de um grupo reduzido de estudiosos do assunto.

Através da concepção de Émile Durkheim acerca de sagrado e profano, pretendemos elucidar que existe certo cuidado por parte da alta hierarquia espírita, representada pela Federação Espírita Brasileira - FEB¹, que repercute nas instâncias subalternas a ela com relação às obras e aos autores. Ainda que tal atitude esbarre no ideal espírita de livre arbítrio, pretendemos manter nossa colocação acerca da busca por unificação e domínio acerca dos critérios de verdade espírita por parte daquela importante instituição. Aposta-se que existe um trabalho de triagem destas obras e o motivo para tal é o pouco limite entre as diferenças de gênero de literatura assim como no que se refere a religião. Ou seja, constata-se a partir delas a situação de *trânsito*.

¹ Em nosso estado, a força maior do Espiritismo é chefiada pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul – FERGS, seguida pelos demais centros espíritas e instituições beneficentes confederados.

Não duvidamos da autonomia que cada local mantenha diante dos órgãos máximos, mas nos apoiamos na intensa disciplina e ordem que os membros dessa religião almejam em sua conduta. Destarte, afirmamos a movimentação em torno do fortalecimento do papel das obras básicas, bem como do incentivo à aquisição de livros que sejam devidamente reconhecidos pelas federações espíritas para a construção e manutenção da identidade religiosa.

Busca-se a partir disso, identificá-los e elucidar os critérios que orientam tais escolhas por parte das instituições espíritas. Para tanto, seguiremos a linha de raciocínio já apresentada por alguns pesquisadores que apontam para a influência do mercado religioso no ramo literário, para identificarem-se os principais critérios de verdade e destacar aquilo que, por vezes, se mostra invisível e impreciso: os limites entre eles. Portanto, parte-se do raciocínio de que há nos bastidores uma tramitação de “defesa” da produção literária denominada espírita e que ela é encabeçada pela FEB. Não obstante, isso se aplica também à instituição estudada.

O presente estudo é justificado pela relevância do tema em Antropologia da Religião, por se tratar de um grupo social que demarca um território religioso que vem impactando no imaginário coletivo, seja através da literatura particular desta identidade religiosa ou pela mediação dos temas específicos da Doutrina Espírita. O trabalho insere-se no ainda restrito quadro acadêmico que busca entender as especificidades do Espiritismo, por acreditar que ele faz parte do *ethos*² nacional e traz informações importantes sobre o grupo social identificado com esta prática religiosa. Sobretudo, entende-se que esta religião vive um momento de intensa *transnacionalização*, fato que a coloca em destaque no cenário mundial, embora conte com número reduzido de adeptos se a compararmos com as outras religiões universais.

Incide-se sobre a literatura, embora menos atrativa sob aquele ponto de vista, mas que se mostra empiricamente importante pelo alcance de um público leitor considerável e de adeptos de diversas classes sociais. Além disso, a

² Segundo Geertz (1973, p.93) os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo "*ethos*", enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo "visão de mundo". O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.

leitura em si é elemento caracterizante da tradição espírita. Isso é bastante pertinente para confirmarmos a relevância dos elementos que são trazidos para discussão.

Essas dimensões tornam-se indispensáveis ao refletirmos sobre a identidade espírita, considerando o valor que o livro tem como maior meio de divulgação da doutrina. Contudo, sabe-se relativamente pouco acerca do fenômeno editorial das obras de cunho religioso, mas algumas pesquisas ensaiaram essa proposta³.

Em suma, deseja-se acrescentar um novo tópico no amplo campo de discussão sobre religião no Brasil e, especialmente, acrescentar mais uma informação sobre o fenômeno do Espiritismo. Enfim, o sagrado será retomado, embora de um modo categórico, para enfatizar nossa premissa calcada nessa experiência religiosa e embasar as supostas divergências ou inferidas.

O Espiritismo brasileiro tem sua passagem de *brincadeira da corte* para *movimento organizado*⁴ ao remontarmos o interesse despertado na elite letrada, que não se constringia em *importar* ideias europeias para transformar-se na contemporaneidade em um rico campo cultural e ser objeto de pesquisa acadêmica. Mais de cento e cinquenta anos passados daquele impacto inicial, tendo ganhado milhares de adeptos e formado médiuns de carisma indubitáveis como Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, retomamos o quadro de debates acerca dessa religião.

Contudo, entre as religiões brasileiras que mais impactam no cenário social, o Espiritismo parece ser aquela que menos mobiliza trabalhos acadêmicos. Por conseguinte, arrisca-se a suposição de que o grande interesse recaia, sobretudo, na questão fenomenológica, o que requer um tempo relativo de convívio num centro espírita para observar os trabalhos mediúnicos. Portanto, a inserção neste campo é mediada e negociada não apenas com aqueles atores, mas consigo mesmo, porquanto este seja o

³ Pesquisas encomendadas pela Câmara Brasileira do Livro com Retrato da Leitura no Brasil, 2001 e Diagnóstico do Mercado Editorial Brasileiro, 2006. Dados retirados de LEWGOY (2004).

⁴ Utilizo as palavras originalmente encontradas em LEWGOY (2000), no sentido de marcar o ritual de passagem sofrido pela Doutrina Kardecista ao encontrar inicialmente adeptos que buscavam mais a "fama" e o interesse que ela despertava nos leigos, até transformar-se num campo de estudo abordado por diversos pesquisadores, bem como, aqueles que adotam como parte de seu projeto de vida.

caminho pertinente quando se objetiva a inserção numa cultura específica e investir no mergulho do estudo da doutrina e das práticas religiosas associadas a ela. Ao final da narrativa, a pesquisadora quase uma espírita, tão permeada pelas informações e pelas situações observadas. A neutralidade científica é um ideal instigante e deve ser o guia dentro de campo, embora a possibilidade de eficácia deste estado de espírito imparcial e objetivo seja maculado após a primeira conversa com o *outro*.

Retirado o primeiro “véu” sobre o tema em questão, fazemos uma menção ao que Geertz constatou acerca da mudança da sensibilidade religiosa, lato sensu, porquanto já não falamos daquele Espiritismo seminal, que adentrava no Brasil há mais de 150 anos. Assim como as outras religiões ele se transformou e utilizou-se de estratégias específicas - que sugerimos aqui, no campo literário – para embasarmos nosso trabalho. Retomando o pensamento de Geertz (2001, p.165)

Tivemos antes mudanças maciças, continentais na sensibilidade religiosa, cujo impacto na vida humana, como vemos agora, apesar do caráter maltrapilho que elas tiveram, foi radical e profundo, constituindo uma vasta reformulação do julgamento e da paixão. Seria uma pena estarmos vivendo em meio a esse evento sísmico e nem sequer saber que ele está acontecendo.

Portanto, como averigou o antropólogo, as mudanças pedem acuidade na abordagem, não somente para permanecer da utilização de informações já “ultrapassadas”, ora pela insistência em mantê-la assim. É preciso direcionar um novo olhar sobre aquilo que se apresenta novo. No Brasil, o catolicismo decaiu em número de adeptos e cresceu-se a quantidade de evangélicos, bem como de praticantes das ditas religiões do *self*. O espiritismo kardecista não está imune ao processo incessante da mudança social, não obstante, é reflexo do mesmo.

No primeiro capítulo, preparou-se uma discussão pontual sobre o Espiritismo e discussões atuais sobre ele. Após, desenvolveu-se sucintamente os temas religião e literatura associando alguns dados gerais sobre as mesmas com relação à cultura e letrada e à leitura. Esta é um ato cultural, embora neste trabalho nosso interesse recaia sobre o leitor de obras espíritas.

Reconhece-se no Pentateuco Kardecista, aquelas cinco obras de autoria de Allan Kardec, novos escritores e as suas respectivas obras como um conjunto literário que merece atenção quanto ao seu conteúdo. As noções durkheimianas de sagrado e profano ajudaram a orientar o tratamento sobre tal literatura.

Para o segundo capítulo, destacam-se os apontamentos sobre identidade e literatura e como elas estão atreladas no trabalho, onde explicitamos as questões que o movem. Destarte, procurou-se apontar os gêneros de literatura espírita que seriam suficientes para uma aproximação com o que deseja-se discutir. Lembra-se que são categorias criadas para apresentar o leque das opções disponíveis naquela literatura, mas que são carentes de uma definição mais precisa. Acresceu-se a isso, algumas diretivas provenientes dos órgãos de representação espírita.

No terceiro capítulo apresentaremos os dados da instituição estudada, que orbitam em torno das entrevistas coletadas e das observações durante a pesquisa. Dispõe-se também de apontamentos de informantes-chave, que permeiam o texto e que também foram valiosos durante a incursão no campo.

Ao final, uma breve discussão sobre os resultados e as respectivas ponderações. Sabe-se da dificuldade em transformar tantas informações em formato categórico, sobretudo, utilizando-se de um *clássico* das ciências sociais. Contudo este trabalho não se finda aqui, ele faz parte do voo inicial sobre um campo tão vasto e tão rico que os espiritismo oferece.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, utilizar-se-á a técnica da descrição etnográfica, baseada na observação participante e nas notas de pesquisa e entrevista semi-estruturada com alguns sujeitos dessa experiência religiosa pertencentes à Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes (SBEBM). Realizou-se quatro entrevistas com membros que já contabilizavam mais de cinco anos de vivência no centro espírita e também de prática espírita e notas das observações que fiz durante as aulas do Ciclo Introdutório de Estudos sobre a Doutrina Espírita (CIEDE) e do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE). Justificamos nossa intenção em abordar tal âmbito, posto que, concordamos com Cavalcanti (1983, p. 20) ao afirmarmos que “o

livro, a leitura, o estudo ocupam um lugar especial no sistema ritual espírita". Para além, trata-se de uma questão de identidade.

1. Espiritismo: O diálogo entre o mundo visível e o invisível

Pela concepção kardequiana trata-se da *Religião dos espíritos*, que com o auxílio de um codificador foi transcrita para o papel e resultou em cinco obras capitais, na França em meados do século XIX: O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1859), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1863), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868). A partir de então, espalhou por diversos países, despertando curiosidade de intelectuais, cientistas entre outros que buscavam explicações para os fenômenos em evidência, tais quais: manifestações de espíritos, pessoas autômatas que escreviam mensagens, médiuns em transe, mesas girantes, etc.

O espiritismo tem sido interpretado como “religião de síntese”, “neocristianismo” e “religião cristã”⁵. Mantém elementos cristãos quanto aos valores e ao modelo de conduta com o enfoque em Jesus Cristo. Além disso, aceita a teoria da reencarnação e nega a existência do inferno e alguns dogmas católicos, entre os quais o do *nascimento virgem*. Ademais, é dito sincrético por agregar semelhanças com o catolicismo, bem como com os cultos afros, este último marcado pelo transe mediúnico. Embora existam diferenças marcantes, como a ausência de uma entidade que seja cultuada pela mediação de imagens.

Por conseguinte, ao frequentar um centro espírita é impossível não perceber a marcante autodisciplina, sobriedade e cordialidade dos participantes e até mesmo aqueles que apenas transitam por ali. O ambiente acolhedor e sem ostentação, a música suave tocada ao fundo e a concentração das pessoas são fatores que contribuem à reflexão e à tranquilidade. É observada como primordial no universo espírita, a conjunção dos três aspectos básico dessa doutrina: a ciência, a filosofia e a religião. Convém salientar, segundo Cavalcanti (1983, 19-22) que:

Esse tríptico aspecto da doutrina se constitui numa base para acusações, construção de fronteiras e distinção de grupos no

⁵ Frases de Maria Laura Cavalcanti e Durval Ciamponi, Revista Superinteressante, setembro de 2002.

Espiritismo. Essas fronteiras, porém, não são estanques. Repousam antes na ênfase conferida privilegiadamente a um desses aspectos do que em sua valorização exclusiva. [...] Assim, se os aspectos "religiosos, científicos e filosóficos" do Espiritismo podem ser vistos como complementares, eles estão também como que sujeitos à ação de uma força centrífuga. Emerge daí todo o problema das diferenças de ênfases e tensões internas ao movimento, as acusações de "demasiado evangélico" no caso de uma ênfase na caridade, de "elitista" no caso de uma ênfase no estudo, e os perigos, extremamente ameaçadores da mediunidade como um valor em si mesmo.

A partir da diferença de ênfases e de tensões existentes no seio do espiritismo, aponta-se, com efeito, que venha a emergir as distintas características da literatura espírita. Pode-se salientar que os diferentes autores se atenham a determinado aspecto da doutrina, tendendo a produzir um material específico. Origina-se aí a distinção entre os gêneros que pretendemos discutir.

Retomando outros elementos da *cosmovisão* espírita que merecem destaque: a apreciação da leitura edificante, ao estudo e à prática do Evangelho no Lar. Talvez tais detalhes revelem pouco sobre a identidade do espírita, todavia poderíamos sintetizá-los a partir daquela combinação. Logo, é de difícil reconhecimento uma representação social que seja fiel à descrição daquele sujeito, sobretudo pelo modelo de humildade e discrição adotado pela maioria. Portanto, o tipo social espírita, seguindo o entendimento weberiano, é de difícil definição, todavia o estereótipo que lhes é vinculado é dado pela relação entre mediunidade e o contato com os mortos.

O parágrafo precedente parece demasiado simples para um tema que levantou diversas opiniões, que confrontou tal religião com outras, comparou as mudanças sofridas pela doutrina inaugurada na França daquela que foi disseminada no Brasil, sendo, inclusive matéria de processos crime. Ou seja, a trajetória do espiritismo sempre esbarrou no confronto com outros sistemas religiosos, caso do catolicismo; de outro modo, confundido com cultos afro e as correntes da Nova Era.

Ao ingressarmos nas colocações dos estudiosos desse assunto, destacamos as palavras de Lewgoy (2000:56) que classificou o espiritismo como "uma alternativa religiosa típica de camadas médias urbanas, que enfatiza o saber letrado e a cultura erudita, com intensa valorização da prática

de estudo e da leitura”. Deriva daí a noção de *religião de letrados*, que algumas vezes é mal interpretada quando se pensa que dela são excluídos analfabetos e crianças que não têm idade escolar, por exemplo. Pode parecer contraditório, mas existem além da leitura outras formas de assimilação da doutrina espírita, embora seja possível afirmar que é ela a mais usual.

Por conseguinte, destacam-se algumas dualidades e oposições internas que dão sentido e configuram a cosmovisão espírita: espírito e matéria; mundo visível e mundo invisível e plano terreno e plano espiritual. Cavalcanti (op. cit. 27) fornece sua explicação:

“O princípio de tudo é no Espiritismo Deus, concebido segundo a tradição judaico-cristã: Deus é o criador do universo a partir do nada. Uma vez criado, o universo constitui-se de dois elementos básicos: *espírito e matéria*. Essa dualidade é um dos pilares desse sistema, a relação entre esses termos, permanentemente desdobrada, funda o movimento e o devir do mundo como os espíritas o pensam. À oposição entre um *princípio material* e um *princípio espiritual* corresponde aquela entre *seres materiais* e *seres imateriais*, e, de maneira mais abrangente, a oposição entre o Mundo Visível e o Mundo Invisível, ou, como os espíritas também o chamam, o Plano Terreno e o Plano Espiritual. O Mundo Invisível é "eterno e preexistente a tudo" e o Mundo Visível é "secundário, poderia deixar de existir ou nunca ter existido sem alterar a essência do mundo espírita". Idealmente, há de um lado o Mundo Invisível, identificado ao espiritual, e de outro o Mundo Invisível, associado ao material”.

Entre as diversas colocações que poderiam ser utilizadas, desde os estudos iniciados por Roger Bastide e Candido Procópio, autores que também serviram de inspiração para aqueles que são citados neste trabalho, optou-se pela adoção da linha de entendimento já abordada por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1983) e Emerson Giumbelli (1997), em seus trabalhos. Giumbelli resumindo Cavalcanti, afirma que o espiritismo é:

Um sistema religioso que constrói sua especificidade a partir de representações e práticas, articuladas por distinções e mediações entre o “mundo visível” e o “mundo invisível”, e de uma certa noção de pessoa marcada pela por uma tensão fundamental entre livre-arbítrio e determinismo, resolvidas em favor do primeiro através do “estudo”, da “caridade” e principalmente do controle da “mediunidade”, preocupações que definiriam o cerne da identidade espírita. (GIUMBELLI, 1997, p.17)

Também, é conveniente salientar, nas palavras de Ferreira (2008):

A constituição da autoridade no Espiritismo é, portanto, baseada em princípios políticos e completamente laica, humana, não sacerdotal, sem origem divina e não transcendente –a transcendência ou mediação entre o sagrado e o profano fica para os médiuns e estes não têm lugar privilegiado na organização espírita, embora tenham destaque na prática religiosa. Kardec propõe procedimentos totalmente seculares e racionais sobre os quais pretende estabelecer uma doutrina forte, uma *comunidade de crença*, embora não livre de dissensões. Além disso, o “caráter progressista da doutrina” ou o fato da doutrina estar aberta ao avanço da ciência leva a *secularização às últimas consequências*. (FERREIRA, 2008, p. 42)

Ademais, já fala-se da *transnacionalização* do Espiritismo e tem sido mencionado a divulgação desta religião cujo alcance está aportado no âmbito das religiões universais (LEWGOY, 2011). Para tanto, existe o CEI (Conselho Espírita Internacional), fundada em Madrid, em 1992, órgão responsável pela articulação entre os países que detém maior número de espíritas e pela difusão da doutrina. Comparativamente com o catolicismo e as denominações evangélicas, o número de adeptos é reduzido, porém não é insignificante.

Na esfera nacional, esta religião conta com 2,3 milhões de adeptos declarados, segundo o Censo do IBGE do ano 2000. Tal dado é questionado por alguns pesquisadores, que criticaram a *invisibilidade de sincretismos tradicionais e pós-modernos*, que, por conseguinte impactua no espiritismo kardecista, em vista da histórica autodenominação que se afastava do cunho religioso, entendendo-a como uma filosofia de vida. Não obstante, há que se considerar a possibilidade de muitos espíritas se declararem católicos ou até mesmo sem religião em vista da discriminação outrora vivida (CAMURÇA, 2006).

Todavia, isso pode ser justificado pelas *passagens* e as *trocas*, verificadas em diversas práticas, onde opta-se pelo *trânsito* ao invés da adesão exclusiva, duplos ou mais pertencimentos, simultâneos e sucessivos. O caso do católico que procura ajuda num centro espírita para enfrentar ou superar a perda de um ente querido ilustra o argumento acima (MAGNANI, 2009). Portanto, no Censo IBGE de 2010, poderemos ter algumas surpresas referentes à realidade social da religião no Brasil, inclusive, quanto aos números que correspondem ao espiritismo kardecista.

Para a realidade social gaúcha, ainda busca-se maiores informações nos meios disponíveis. A FERGS dividiu as entidades federadas a partir de 14 regiões e isso nos proporciona ao menos uma realidade empírica para nossos questionamentos enquanto pesquisadores. Desde 2004, a federação conta com a vice-presidência de unificação, demonstrando a importância do movimento no sentido de fortalecimento do kardecismo, na defesa da legitimidade da sua doutrina, além da tentativa de indicar os critérios de verdade.

O município de Porto Alegre também necessita de maior acurácia de dados acerca do número de praticantes, quem sabe, nos termos de um estudo entre religião e cidade, já encontrado em Mafra e Almeida (2009) sobre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Logo, a paisagem da cidade oferece ao observador alguns dados empíricos relevantes, através da distribuição de centros espíritas, igrejas e templos evangélicos, entre outros. Não obstante, o pesquisador que percorrer ao menos a região do centro porto alegre, encontrará ao menos seis centros espíritas de fácil visibilidade; Sociedade Espírita Allan Kardec (matriz), Sociedade Espírita Allan Kardec (filial), Atheneu Espírita Cruzeiro do Sul, Sociedade Espírita Amor e Paz, Sociedade Espírita Francisco Xavier, Circulo Interno de Preparação (Cipe) e a Sociedade União Espírita Porto alegre, além da sede da FERGS.

1. 2. Religião e Literatura

A discussão que envolve religião guarda em si uma riqueza de possibilidades. Motivo de controvérsia para uns e alvo de intensas disputas “por corações e mentes”, ela é reconhecidamente uma das maiores instituições humanas e consta também entre as mais antigas. O Espiritismo, se comparado ao catolicismo, pode ser considerado uma prática religiosa moderna. Contudo entre ambas, existe a mensagem contida num livro sagrado, cunhado pelos seus primeiros divulgadores, a crença no mesmo Deus e a representação modelar na figura de Jesus Cristo. Geertz (1973) afirma que:

A importância da religião está na capacidade de servir, tanto para um indivíduo como para um grupo, de um lado como fonte de concepções gerais, embora diferentes, do mundo, de si próprio e das relações entre elas — seu modelo *da* atitude — e de outro, das disposições "mentais" enraizadas, mas nem por isso menos distintas — seu modelo para a atitude. A partir dessas funções culturais fluem, por sua vez, as suas funções social e psicológica. (GEERTZ, [2006], p. 90).

Em que pese a discussão sobre a associação entre cultura escrita e religiosidade, autores como Bercovitch (1988, apud LEWGOY, 2000), afirmam não serem comuns tais estudos, ao falarmos de países como o Brasil⁶. O autor sugeriu que devido a uma influência dos tempos coloniais, a relação com o texto, tomando o exemplo da Bíblia é reduzido se comparado com a relação à magia e ao personalismo que aproximasse o fiel do seu santo. Ou seja, a dificuldade do acesso à leitura em função do baixo índice de alfabetizados que, naquele tempo era altíssimo, fato que levava o fiel a criar vínculo material, através da imagem do seu santo.

Entretanto, apesar dos avanços no campo da educação ainda é perceptível níveis altos de analfabetismo ou simplesmente falta de interesse pela leitura. Segundo a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, em 2008, ler era somente a quinta opção entre os entrevistados. Destarte o motivo que levaria a leitura era a vontade de adquirir novos conhecimentos e o perfil dos

entrevistados era o seguinte: formação superior (79%), renda familiar acima de 10 salários mínimos (78%), chefes de família (76%), espíritas (76%), trabalham e estudam (73%), membros das classes A (75%) e B (74%), moradores da região Sul (72%), moradores das regiões metropolitanas (69%), jovens e adultos de 18 a 24 anos (67%) e 30 a 39 (68%).⁷ Os dados são trazidos para ressaltar a posição ocupada pela leitura como tipo de atividade, bem como os grupos que fazem uso dela.

Todavia, há quem defenda a importância da leitura para além da aquisição de novos conhecimentos, mas como uma necessidade intrínseca ao ser humano. É este o argumento do historiador e filósofo Mircea Eliade (2010) acerca do valor que ela tem para o homem. São suas palavras:

Até a leitura comporta uma função mitológica - não somente porque substitui a narração dos mitos nas sociedades arcaicas e a literatura oral, viva ainda nas comunidades rurais da Europa, mas, sobretudo, porque, graças à leitura, o homem moderno consegue obter “uma saída do Tempo” comparada à efetuada pelos mitos. Quer se “mate” o tempo com um romance policial, ou se penetre num universo temporal alheio representado por qualquer romance, a leitura projeta o homem moderno para fora do seu tempo pessoal e o integra a outros ritmos, fazendo-o viver numa outra “história”. (ELIADE, [2010], p. 167)

É preciso tomar essa referência diante de um papel especial que a leitura confere à existência, embora não seja apenas num nível espiritual, ligado ao aspecto religioso – mas num nível prático – como ferramenta de diversão ou de aquisição de conhecimento mundano, ou melhor, como gostaríamos de chamar – profano.

Os sólidos argumentos já apontados por autores que empreenderam a tentativa de analisar o cenário da literatura religiosa são a diretriz pela qual nos guiaremos, sem esquecer a arte da leitura. Contudo, sabe-se relativamente pouco acerca do fenômeno editorial das obras de cunho religioso. Logo, recorreremos aos autores que já exploraram o Espiritismo, sua relação com a cultura letrada e a literatura e as trajetórias das figuras de maior destaque, com finalidade de tecermos um diálogo com eles, retomando suas argumentações e

⁷ Retratos da Leitura no Brasil, 2008. Depois apenas de ver televisão, ouvir música e (às vezes) ouvir rádio, aparece a opção pela leitura. Os dados são provenientes de 5.012 entrevistas. Os dados ilustram os grupos que têm interesse e o hábito da leitura.

agregando mais elementos ao estado da arte tanto da religiosidade em pauta, quanto do campo literário ao qual ela está submetida.

Não obstante, por buscar-se problematizar a relação entre a identidade espírita e a produção literária pertinente a essa religião tem-se como prioridade classificar em gêneros as obras mais famosas, bem como seus autores. Tal sentido é explicado pela tendência em mesclar estilos literários e temáticas diferentes no ramo dos livros religiosos. Contudo, tal miscelânea gera ainda maior confusão.

Vale ressaltar que esta atitude não é trazida a discussão para ser contestada, entretanto, é para salientar o fenômeno da religião na atualidade, bem como a imprecisão desse campo. Esta pode ser conferida pela queda das barreiras entre uma religião e outra, seja no *trânsito religioso* de pessoas quanto no de leitores. Ou seja, a pertença religiosa não é ator determinante para a incursão literária.

Para este estudo, selecionamos o espiritismo kardecista, e nesse caso a identidade religiosa tende a estar relacionada com a leitura das obras básicas, entre as quais, *Evangelho segundo o Espiritismo*, entendidas aqui como sagradas por serem doutrinárias e os romances mediúnicos (ou romances espíritas, como são conhecidos em senso comum), as psicografias, etc, interpretadas neste trabalho como profanas. Afirma-se tais categorias a partir dos critérios de verdade, que, aparecem no discurso dos praticantes e são fomentados pelas federações. Ainda que imprecisos, eles nos auxiliam para pensarmos a realidade e a relação com aqueles conceitos.

Retomando a noção de texto sagrado, aqui reconhecemos para fim de pesquisa a inscrição do Pentateuco Kardecista, ou aquelas cinco obras citadas inicialmente no âmbito do sagrado. Não se trata de uma ação fortuita, em vista do peso que é outorgado ao codificador até os dias atuais. Acrescentamos a ela outros nomes, entre os quais Francisco Candido Xavier, Divaldo Pereira Franco (médiuns que psicografam).

Além deles, há os autores espirituais, aqueles que ditam as obras aos médiuns que desenvolvem a psicografia - André Luiz, Emmanuel e Joanna de Angelis que, não ingenuamente apontamos, porquanto sejam os espíritos que cooperam com aqueles dois médiuns. Portanto, intenciona-se delimitar tais

obras e os respectivos autores como objeto de atenção dentro das nossas metas de investigação, pois, a partir de uma revisão bibliográfica e levantamento prévio de campo, já nos foram apontados como figuras marcantes no espiritismo kardecista.

De outro modo, pretendemos falar de mercado e consumo de livros religiosos, mais precisamente, os espíritas. Não obstante, ressaltamos que, não é nossa intenção caracterizar ou valorizar esta ou aquela obra, contudo para comparação precisamos delimitá-las dentro das duas categorias pelas quais nos orientamos - com base na noção de sagrado e profano. As primeiras já foram clarificadas no parágrafo acima, tão logo, abordaremos as outras, por conseguinte.

Sabe-se que livros espíritas vendem bastante, sobretudo os romances de Zibia e Luiz Gasparetto, Elisa Masseli, Vera Lucia Marizenck de Carvalho, entre outros tantos autores emergentes. Não é complicado verificar isso ao visitarmos as várias livrarias e bibliotecas, sejam aquelas anexas ao centro espírita ou nas grandes lojas de artigos literários. Todavia, poderemos diferenciá-los a partir de uma tipologia weberiana⁸ com base na temática e valorização no meio espírita: entre os mais “doutrinadores”, aqueles mais próximos de um *modelo pedagógico espírita* situam-se os de autoria de Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco, José Herculano Pires, Herminio C. Miranda Yvonne Pereira⁹, etc.

Assim, há como apontar dentro desse assunto, que há kardecistas que adotam uma linha de retorno ao “puro”¹⁰ diante da interpretação e prática da

⁸ Remete-se à mesma lógica utilizada pelo clássico nos estudos, quando para fins metodológicos se reporta a criação de tipos sociais para realizar análise e estudo. Tais tipos só existem para o pesquisador se organizar intelectualmente e fazer-se compreendido.

⁹ Aponta-se, aleatoriamente, tais autores para fins de elucidação, não cabe neste trabalho a menção referente ao legado daqueles. Entretanto, este pressuposto é orientado com base em observações e conversas com agentes ligados às biblioteca e às livrarias, não é possível apresentar uma estatística, que seria apropriada, todavia, não levada a cabo neste momento.

¹⁰ Ao utilizar o termo *puro*, remeto a uma discussão vista em Stoll (2003) porquanto da aculturação do Espiritismo por novas tendências contemporâneas, entre as quais estão a Nova Era, na figura de Luiz Gasparetto. Sugere-se que esteja ocorrendo um sincretismo entre tais sistemas, em vista da mistura de elementos já conhecidos no Espiritismo, na sua concepção de moral e auto-aprimoramento e as novas idéias do movimento Nova Era. Cabe ressaltar, que ao invés de afirmar a noção de resgate cármico, os Nova Era investem no autoconhecimento para conquista do seu progresso agora – não existe, portanto, um passado de comprometimento com os erros, mas o presente que induz à conquista de valores para o bem-estar e crescimento espiritual.

doutrina, seguindo com maior fidelidade os preceitos designados como científicos, filosóficos e religiosos contidos na codificação de Allan Kardec. Vale ressaltar que o *Evangelho segundo o Espiritismo* é a “Bíblia” para esses espíritas.

Caso desejássemos aprofundar tais rupturas dentro do Espiritismo, poderíamos afirmar que Chico Xavier, apesar da filiação durante sua vida ao *Códice*¹¹, seria de uma corrente mais religiosa e "abrasileirada", por ser bastante ligada ao catolicismo. Vê-se que é uma discussão ampla, podendo ser relacionada com a forma que o Espiritismo é interpretado e praticado no Brasil. Entretanto, parece ser uma contradição de nossa parte, tendo em vista afirmações iniciais, elencar-se Chico Xavier como um dos principais autores e ainda mais, dentro da categoria do *sagrado*. Guardemos tal imprecisão para maior aprofundamento numa etapa posterior do nosso trabalho.

Em suma, com tal exposição, objetivamos ressaltar a relação do Espiritismo com a leitura, com a palavra escrita e acima disso, com as obras que forjam a sua identidade no plural campo religioso brasileiro. Por conseguinte, não há um ritual, uma prece que não necessite da leitura, seja do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, seja de algum texto de cunho reflexivo.

De outro modo, a intensa circulação de espíritas com livros nas mãos durante as atividades do Centro Espírita que realizo meu trabalho etnográfico, bem como, a constante indicação de livros mediante uma psicografia¹², ou o conhecido ritual do *Evangelho no Lar* que também prescinde de uma leitura seguida de reflexão acerca de um tema contido nele.

Até aqui, percebemos a ostensiva utilização desta obra em especial, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, embora arrisque-se a afirmar que existem outras que recebem este reconhecimento no Espiritismo. Bem como, há outras que venham a ser subestimadas por razões bastante práticas: elas não abarcam o viés doutrinário.

¹¹ Termo bastante utilizado no meio nativo para designar alinhamento pessoal a Doutrina espírita Kardecista.

¹² Dados da observação de campo, em andamento desde o final de 2011. Tal expressão nativa é usada para designar as instruções que as pessoas recebem através de um trabalhador da casa, oriundas do plano espiritual.

2. Identidade e literatura

A produção literária nos interessa a partir da constatação sobrescrita e da função identitária que a leitura, não obstante, a escrita tem para os espíritas. E isso nos induziu às questões de qual leitura, nesse contexto, é pertinente à formação da identidade religiosa e qual é significativa em termos de consumo literário. Embora nossa dimensão de análise se restrinja a leitura, a escrita aparece muitas vezes vinculada a ela.

Visa-se compreender, a partir da abordagem estabelecida para esta pesquisa, a relação entre a identidade espírita e a leitura dos livros doutrinários, que chamarei de *sagrados*, conforme Durkheim (2003) nos propõe, em detrimento dos outros, *profanos* – na forma de livros romanceados, embora seguidores do preceito pedagógico da doutrina. Não obstante, a relação com a leitura espírita se justifica por se tratar de um processo de identificação e adesão a uma denominação religiosa (LEWGOY, 2000).

Contudo, recomenda-se atenção ao tipo de manifestação apresentada nesta literatura que é ampla, por exemplo, sob a hipótese de que o leitor deseja apenas uma leitura “descompromissada” daquela que acreditamos ser formadora da identidade religiosa. Lewgoy também nos alerta que:

“o leitor individual de livros religiosos seja espírita ou evangélico, deve ser encarado antes de tudo, como um ator social que joga com margens variáveis de liberdade na escolha e na interpretação de suas leituras, nunca podendo ser reduzido a uma escolha reflexa de sua identidade religiosa, não havendo, portanto, correspondência biunívoca entre leitores e pertencimentos religiosos, mas um jogo complexo que dever examinado caso a caso”. (LEWGOY, 2004, p. 66)

Então, como é construída tal relação entre a identidade religiosa e a prática da doutrina se a leitura de obras espíritas não é regra para adesão a esta religiosidade? Existem livros proibidos ou reconhecidos para demarcar os critérios de verdade no espiritismo? Há obras e autores superestimados e subestimados dentro do campo literário Espírita por parte das instituições diretivas?

Então, como se estabelece entre os espíritas kardecistas os parâmetros para leitura no que tange à formação da identidade espírita? Ou seja, o objetivo deste trabalho é analisar e interpretar se existem fatores determinantes entre construção da identidade religiosa e campo literário.

Não se intenciona, neste momento, fazer mediação entre religião e *cultura letrada*, posto que, parece ser forte o pressuposto de que os espíritas kardecistas enquadrem-se nesta descrição como um grupo que valoriza a formação educacional, reconhecidos como uma *religião de letrados* (LEWGOY (2000 e 2004). A investigação seguirá esse caminho apontado por antropólogos e demais estudiosos do assunto, lembrando que o tema em questão ainda necessita maior aprofundamento acerca do que é entendido por *cultura letrada*.

O objeto será delimitado sobre duas dimensões do Espiritismo Kardecista no âmbito da literatura - o *sagrado* e o *profano*, remontando o quadro conceitual durkheimiano. Visa-se, assim, estabelecer uma análise significativa sobre o que é comumente considerado pertencente à produção espírita e os livros reconhecidos por autoridades deste campo religioso como livros genuinamente espíritas.

Não obstante, correlaciona-se literatura à noção de identidade religiosa para testar as hipóteses centradas naquelas duas dimensões e resolver os problemas que decorrem desse pressuposto. Portanto, pretende-se investigar tal relação, demarcando os limites entre o consumo literário e identidade a partir da leitura dos textos sagrados - aqueles que conferem uma conduta e um estilo de vida identificado com a religião espírita conforme a Codificação Kardecista. Para tanto, nossas entrevistas serão focadas na percepção de espíritas atrelados à SBEBM. Frisa-se essa delimitação deste objeto, posto que, há em jogo outras formas de interesse sobre o Espiritismo no exemplo da especulação sobre os fenômenos mediúnicos – o objeto da curiosidade de muitas pessoas que procuram no Espiritismo um consolo ou uma leitura para “passar o tempo”.

Objetiva-se compreender com maior precisão a relação do texto sagrado com a formação da identidade espírita; investigar as delimitações expressas por instituições espíritas, caso existam; e, por fim, conhecer os limites que pressupõe-se existir dentro desse campo, diferenciando o que é

validado como livro espírita por agentes do meio religioso e aquilo que é denominado socialmente como espírita. Esta noção de identidade está atrelada ao que Roberto Cardoso de Oliveira chama de identidade social, tendo em vista que a identidade pode ter duas dimensões, uma que é construída pelo sujeito e aquela que é constituída pelo entorno, pelo grupo.

Segundo Oliveira (1976, p.4):

A noção de identidade contém duas dimensões: a pessoal (ou individual) e a social (ou coletiva)", onde "antropólogos e sociólogos tem trabalhado a noção de identidade e procurado mostrar como a pessoal e a social estão interconectadas, permitindo tomá-las como dimensões de um mesmo e inclusivo fenômeno, situado em diferente níveis de variação.

Neste trabalho utilizo o conceito de "identidade" no mesmo sentido que aquele antropólogo, momento no qual ele se refere ao conceito forjado por Grimberg (1971), resumindo-lhe num contraste entre "nós" e os "outros", ou do indivíduo perante a sociedade, na dialética das "*semelhanças e diferenças de alguém consigo mesmo no curso do tempo, ou com outro no plano grupal e com os outros*". Outrossim, faz um alerta aos antropólogos e sociólogos que tal medida nos permite o estudo da identidade sem recairmos em "psicologismos". (GRIMBERG, apud OLIVEIRA, op. cit, p.36).

Por sua vez, Émile Durkheim é fortemente evocado nas ciências sociais, justamente para evitarmos a confusão entre uma explicação de âmbito individual por uma de nível social. Sendo assim, o *fato social* como uma *coisa em si* é a direção que todo cientista social deve escolher, embora não precise radicalizar ao negar o aspecto psicológico que venha a contribuir para o estudo que empreender.

Para o nosso caso, empregaremos uma noção de identidade social – a religiosa, ao invés daquela que Roberto de Oliveira mediante sua discussão acerca de identidade étnica. Porém, é imprescindível sua argumentação ao afirmar que a identidade está sempre relacionada à ideia de alteridade, ou seja, é necessário existir o outro e seus caracteres para definir por comparação e diferença com os caracteres pelos quais nos auto identificamos. Esta perspectiva reflete-se na escolha da identidade religiosa em face da pluralidade religiosa eminente no Brasil. Não é o caso de recorrer à comparação entre uma religião ou outra, mas sempre que se mostre plausível, algumas alusões

pertinentes às semelhanças e às diferenças quando necessitarem tal consideração¹³.

Refere-se à noção de trânsito, assim como em Almeida (2010), que define o conceito em três instâncias:

“Em primeiro lugar, *trânsito* como circulação de pessoas por alternativas religiosas, o que pode significar a troca de uma por outra como também a prática simultânea de duas ou mais religiões. Em certa medida, esse fenômeno costuma ser apreendido por meio de análises quantitativas que medem a mudança de estoque de adeptos entre as religiões (Pierucci, 2006b; Antoniazzi, 2002; Camurça, 2006) e os fluxos preferenciais dos deslocamentos entre elas (Prandi, 1994; Almeida, 2004).”[...] Em segundo lugar, o *trânsito* também pode ser entendido como a circulação de crenças e rituais. Não só pessoas circulam como também os conteúdos simbólicos e práticos transitam entre sistemas religiosos que se encontram em constantes rearranjos mediante cópias, oposições, concorrências e assim por diante. [...] Por fim, o *trânsito* pode ser apreendido de uma terceira maneira: desloca-se o foco empírico do ponto de vista das instituições (seja da quantidade de adeptos, seja dos simbólicos de cada uma delas) e centra-se na trajetória das pessoas. Inverso ao primeiro caso, em que se mede como os indivíduos passam pelas religiões, neste terceiro plano o problema é como estas passam por eles. Mais precisamente, o foco analítico está nas trajetórias de vida das pessoas e no que elas fazem das religiões com sua prática desinstitucionalizada (Sanchis, 1997; Hervieu-Léger, 1999). (ALMEIDA, p. 6-7)

Suspeita-se existir uma possível fragmentação na identidade espírita, considerando as leituras que um espírita faz/fez durante o percurso religioso e a importância do mesmo para a identidade desta religião. Não obstante, se avançarmos um passo adiante, é possível deduzir algumas implicações que o fenômeno espírita vem causando presentemente na sociedade. Fato este que parece já haver sido constatado porque *“há cada vez menos coincidência entre a identidade religiosa e a prática correspondente, cujo resultado pode ou não levar a novos padrões de religiosidade e até mesmo a novas instituições”* (ALMEIDA, 2010, p.8).

Também se faz evidente a marca durkheimiana, quando fazemos menção à diferenciação entre *sagrado* e *profano* para demarcar minha hipótese de que existe um ‘pré-conceito’ entre os espíritas quando a identidade religiosa e sua consistência a partir da leitura de romances ou somente dos mesmos em oposição às obras de Allan Kardec. Talvez, no cotidiano isso não se mostre agravante quando se trata de apenas freqüentar um centro espírita ou no caso

¹³ Bem como, quando me refiro às aproximações do Kardecismo com o Cristianismo e Judaísmo e faço menção a diferente postura interpretação das obras sagradas com relação ao Islamismo.

de um leitor leigo. Contudo, é interessante analisar esta proposta num sentido de entender as práticas deste grupo social, traçando suas marcas peculiares, conquanto seja um grupo relativamente pouco estudado no campo das Ciências sociais¹⁴.

Durkheim (2003) considera alguns dualismos e o mais famoso deles é a sociedade em oposição ao indivíduo, na mesma medida que indica a dualidade da nossa natureza humana, simplificando-as como uma divisão entre *sagrado* e *profano*. Quando aborda a religião, sugere que essa dicotomia é o seu fundamento. De modo simples, podemos compreender que qualquer coisa pode ser sagrada, seja ela uma árvore, uma casa, um livro ou até mesmo, uma pessoa. Todavia serão os homens os responsáveis por atribuir valor e superioridade aos objetos de acordo com a sua representação acerca do mesmo. Contudo, é impostergável acrescentar a diferenciação entre aquilo que foi denominado *sagrado* e *profano*. Nas suas palavras, tal concepção seria:

Uma divisão bipartida de todo o universo conhecido e conhecível, em duas classes que abarcam tudo o que existe, mas que radicalmente se excluem. As coisas sagradas são aquelas protegidas e isoladas pelas interdições; as coisas profanas, aquelas que se aplicam essas interdições e que devem permanecer a distancia das primeiras. (DURKHEIM, p.24)

Embora não nos identifiquemos contundentemente com esta abordagem, pelos riscos que ela traz ao enviesar a visão de mundo num modo dualista, entretanto, para fins de análise e interpretação, a noção bi dimensional de *sagrado* e *profano* como duas categorias em oposição, nos é valiosa para apontar a natureza das obras literárias no campo espírita. De antemão, já avistmos uma possível contradição entre aquelas, contudo, não pretendemos ser tão rigorosos ao afirmar que elas são automaticamente excludentes. Durkheim já antecipara que as coisas profanas podem transformar-se em sagradas mediante um ritual de passagem. Contudo, se há alguma interdição entre o que é permitido ser lido e o que não é no campo espírita, é esse motivo implícito que pretendemos entender.

¹⁴ Sobre a o baixo interesse acadêmico acerca do campo do Espiritismo, conferir Giumbelli (1997) e Stoll (2003). Tais autores fazem esta constatação relacionada aos estudos mais numerosos sobre as demais religiões no Brasil, a exemplo do Catolicismo, Pentecostalismo e Religiões Afro-Brasileiras.

Então, aqui tomamos sua noção de "*crenças religiosas como representações que expressam a natureza das coisas sagradas e as relações que mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas*". Assim como, é relevante mencionar a postura que os fiéis adotam frente à relação com o *sagrado* da sua religião. Essa mediação é abordada como um rito que, na visão durkheimiana "*são modos de ação determinados*" e "*regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas*". Em suma, leva-se em consideração "*o sagrado e o profano como forma de classificação das crenças*". (DURKHEIM, op. cit, p. 19-24).

Ademais, seguindo a interlocução entre esses conceitos, coexistirá a noção de que o que é sagrado é representado por sua separação daquilo que é rotineiro e "vulgar", inspirando-nos "*respeito que nos mantém a distancia; e ao mesmo tempo, é um objeto de amor e de aspiração para o qual nos inclinamos*". Todavia, está sujeito a perder seu status caso seja misturado ao profano. (DURKHEIM, apud LUKES, 2009, 41)

Na tese central de sua obra "*As formas elementares da vida religiosa*" ele defende que o chamado sagrado é uma qualidade atribuída à realidade, uma "aura" colocada sobre algo que se deseja destacar. Um livro é um objeto que pode ser considerado sagrado à medida que ele sustenta as representações imprescindíveis de uma religião. Não obstante, por outro lado, é um material elaborado por mãos humanas, mas que requer uma elucidação de seu significado com ênfase no simbólico.

A nossa referencia ao *campo*, é derivada do legado bourdiano quando este se refere a algum *domínio da vivencia social*, neste caso utilizo-me desmedidamente para especificar o campo religioso e o campo literário. Ou nas palavras de Miceli (2003, p.72):

Como microcosmo(s), o(s) campo(s) (filosófico, literário, artístico, jurídico, religioso, científico etc.), constituem mundos sociais idênticos, dotados de concentração de poder e capital, monopólios, relações de força, conflitos e, ao mesmo tempo, universos de exceção, quase miraculosos, nos quais as mascaras da razão se encontram entranhadas na realidade das estruturas e disposições.

2. 1. Os gêneros de literatura espírita

Lewgoy (2004) apontou que o consumo dos livros religiosos têm aumentado no Brasil. Seu estudo abarcou tanto cultura quanto mercado quando observou os casos espíritas e evangélicos frente ao fenômenos editoriais em questão. Por outro lado, o mesmo autor avaliou os problemas de classificação bibliográfica e a distribuição de autores e livros nas devidas categorias recorrentes nas livrarias. Estas últimas constatações se referem à dificuldade em mapear as fronteiras entre o religioso e o laico atualmente, o que implica nas imprecisões ora encontradas entre os limites da temática puramente espírita e de Nova Era. Então, em meio a essas aproximações e *bricolagens* ainda é possível falar-se em *pureza*?

Há cerca de 10 anos um pequeno grupo se organizou para montar uma indexação das obras publicadas pela editora da Federação, que se iniciou pelo *Livro Espírita na FEB*, seguido do *Espiritismo de A a Z*, para facilitar a pesquisa de praticantes e simpatizantes da doutrina. Contudo, recentemente foi disponibilizado o *Guia de Fontes Bibliográficas*, que vem a coroar o projeto de organização da literatura espírita produzida pela editora da federação, que totalizam trezentas e cinquenta e cinco títulos.

Posto isso, deseja-se observar que, mesmo autores avalizados pela FEB têm trilhado novos caminhos e buscado novos ângulos de exposição da doutrina, demonstrados pelo incentivo a manutenção da personalidade, com vistas à melhoria individual. A caridade já não desponta como o móvel principal da ação, ainda que não tenha sido esquecida, ou seja, deu-se abertura a outros temas que perpassam pela ética, a tolerância, a resolução de conflitos pessoais, etc. Sobretudo, é necessário levar em consideração que se existe nessa lógica de aceitação e não-aceitação de autores e de obras espíritas é porque reside aí uma tensão nos termos do que é verdadeiro e o que é ilusão.

A FERGS disponibiliza uma lista de preços, através da qual podemos vislumbrar os produtos comercializados, à medida que ela relacione naquela

tabela os livros selecionados através do seu critério de verdade, obviamente, derivado da orientação propagada pela FEB. Esta mantém um controle de produção, principalmente na sua editora particular, e mantém sua orientação aos demais confederados. Pelo crivo só são aprovadas obras que não comprometam o viés doutrinário, que não se excedam em descrições dos planos superiores, somenos, que se utilizem de figuras conhecidas e populares. É possível “insinuar” que se esteja referindo a determinado espírito, como Jesus, sem fazê-lo participante, muito menos, ter tido contato com o médium-autor. Em suma, é necessário ser coerente com o discurso dos espíritas e manter-se humilde nas suas ambições.

Todavia, não se trata apenas vontade particular de um dirigente em especial, mas todo o movimento espírita tem deflagrado a sistematização da literatura. Uma informante passou-me o fato de ter acontecido uma correção na obra “Violetas na Janela”, quando o espírito de Patrícia, após o desencarne, volita e ultrapassa as paredes. Pela doutrina, mesmo que o espírito seja lúcido, ele passa por um estado de perturbação ao desencarnar, ou seja, não está preparado para ter consciência de como agir estando novamente no plano espiritual. Somente, após um período ele se dá por conta de sua condição e recobra o conhecimento sobre como é esta nova etapa.

Certamente, é uma medida cautelar em vista da “febre” disparada pelos meios de comunicação e entretenimento. A mesma informante me explicou que as pessoas ficam deslumbradas com certos acontecimentos narrados e se não houver cuidado, elas tomam aquilo por verdade. Verdade nesta situação é ter relação com a doutrina. Se há bastante incentivo para a aquisição dos livros espíritas pode se afirmar que o controle de qualidade vem sendo aprimorado – ao menos, pelas grandes editoras e livrarias espíritas.

Então, temos por divisão da literatura espírita, gêneros que se destacam aos interesses desse trabalho, quais sejam: as obras doutrinárias, romances mediúnicos, obras psicologizantes, psicografias e obras de não ficção. Para cada um daqueles gêneros podemos atrelar alguns autores, embora possam existir autores que por um estilo pessoal produzam obras de um ou mais daquelas categorias. Não obstante, podemos inseri-las num quadro hierárquico

para demonstrar a preocupação, em nível de doutrina, facultada pelas instâncias superiores espíritas e seus confederados.

As obras *doutrinárias* têm por missão primeira a sustentação dos preceitos morais e das práticas que qualificam uma religião e as diferenciam umas das outras. Em síntese, é um manual de conduta. Na doutrina espírita, as obras básicas escritas em parceria por Allan Kardec e os espíritos que o assistiam são consideradas sagradas embora tenham sido escritas obras doutrinárias posteriores. Portanto, aqueles cinco primeiros livros que compõem o *Pentateuco* são o coração do espiritismo kardecista ainda que sejam escritas obras que guardem fidelidade aquela, estas nunca estarão no mesmo patamar. Vulgarmente, diz-se que elas têm o mesmo significado que a Bíblia para os católicos.

O gênero *romance*, a rigor é derivado da literatura, mas enquanto categoria de entendimento aqui é utilizado para demarcar algumas peculiaridades das obras espíritas. Tem-se o problema em tratar o romance como um *gênero literário* ou uma *subliteratura* de cunho doutrinário. Logo, pensa-se o espiritismo como um sistema de referências próprio, dispensando um maior debate sobre esta questão.

Lewgoy fala que “*alguns nexos tipicamente românticos, como doença, amor e morte são reprisados, mas a linguagem e o gênero literário sofrem uma instrumentalização ao veicularem a doutrina espírita em relatos narrativos*”. Afirmo com isto a produção do “romance de tese” kardecista, porquanto este substitua alguns temas clássicos do Romantismo, “*por relações de causa e efeito com base na doutrina espírita do carma, das dívidas e das faltas, das missões, dos resgates e da programação divina.*” (LEWGOY, 2000, p. 120).

Destarte estaria supostamente nos romances mediúnicos a qualidade de gênero-síntese da doutrina, não obstante a intenção da FEB em reformular a visão popular acerca do que eles pretendem por genuinamente espírita e passível de ter credibilidade. Num romance, a característica principal é a versão mais leve e inteligível da Doutrina kardequiana, uma *cosmovisão* aplicada à realidade, citando exemplos corriqueiros para sustentar a *visão de mundo* peculiar a esta religião. Não obstante, infere-se que sejam eles os quais

alcançam a maioria de leitores, lotam as estantes de livrarias e são observados nas mãos dos frequentadores da sociedade espírita estudada.

Pode-se arrolar alguns autores mais conhecidos, entre eles estão Zibia Gasparetto, Vera Lucia Marinzeck, Elisa Masseli, etc. Novos nomes despontam neste cenário, entre eles Marcelo Cezar, Mônica de Castro, Robson Pinheiro, etc.

Quanto aos autores que tendem aos gêneros *psicologizantes*, indicamos o médium Divaldo Pereira Franco e sua mentora Joanna D'Ângelis como os grandes propagadores dessa categoria. Entende-se essas obras como continuadoras da doutrina, embora sejam aliadas à psicologia transpessoal para fins individuais. Segundo Lewgoy (2011:98) Divaldo afasta-se de Chico Xavier em função desta tendência psicologizante, que o situa mais próxima da Nova Era pela afinidade de busca de bem-estar pessoal e não mais pelo cultivo do auto-sacrifício nas atribulações da vida.

Quanto às *psicografias*, não raro é o enquadramento de Chico Xavier a essa categoria. Contudo, ele é um caso proeminente que perpassa por praticamente todos os eixos sugeridos. Escreveu romances, obras que pretendiam uma reforma moral dos indivíduos, psicografou e seguiu com muita adequação os preceitos herdados de Allan Kardec em todas suas obras. A ele opta-se pela denominação de *psicografia doutrinária*, pela característica peculiar de toda sua vasta obra.

Sobretudo, enquadra-se como *psicografia* a escrita automática, criada a partir da mediunidade do escrevente através da sugestão de outro espírito. Ainda que compartilhe destas últimas características com outros gêneros, ela tem o diferencial de ser gerada numa sessão espírita rotineira, é um texto curto, narrado por um “amigo espiritual”, ou um chamado de “conselho do alto”, que reproduz a mensagem de um espírito desencarnado com ou sem vínculo emocional com o participante do trabalho.

Por sua vez, uma obra espírita de *não-ficção* versa sobre as questões da doutrina e os fenômenos que por ela tentam ser explicados, não necessariamente defendendo todos os seus tópicos, mas dissertando sobre o que é plausível e o que é apenas obra da criatividade humana. Engloba inclusive temas de auto-ajuda. Citamos Herminio de Miranda, Ernesto

Bozzano, Gabriel Dellane, Leon Denis, etc. Numa vertente atual, temos José Carlos de Lucca e Francisco do Espírito Santo Neto como destaques.

Tem-se por informação que na FERGS é feito o trabalho de triagem sobre as obras que ali serão expostas, não obstante a livraria Francisco Spinelli seja adjunta aquela instituição. Logo, os demais centros confederados obedecem à mesma lógica, repassando para aqueles que adotam uma postura indiferente a tal normatização a liberdade de não se adequarem a ela. Disse-me um informante:

“Não podemos discriminá-los pela sua opção, o que fazemos é nos resguardar daqueles que investem no espiritismo como meio de lucro, seja para explorar a parte fenomenológica, seja para aproveitar que o rótulo espírita chama atenção de compradores. Além disso, temos que lidar com o ainda vigente charlatanismo”.

Portanto, vê-se uma medida de proteção doutrinária, em vista do sabido apreço referente a tal literatura, embora também seja uma tentativa de não esquecimento do *cânone* espírita.

Outro aspecto importante de frisar é a constante adequação ao movimento espírita. Ou seja, o autor espírita é aquele que é associado às entidades federativas e geralmente também é um trabalhador de centro espírita. Ele consegue combinar suas atividades profissionais, àquelas ligadas ao centro e também publicar suas obras. Diferentemente do autor que aborda temas espíritas, na figura de um pesquisador ou escritor de ficção, posto que, entende-se que tais exemplos “vivem” deste trabalho, ou também, se pensarmos pelo viés de adesão ao movimento, esses são desvinculados e nas palavras dos espíritas – eles são individualistas.

É importante frisar que não é cogitada a defesa da visão de algum grupo específico dentro do movimento. Como o enfoque teve um recorte institucional, às vezes, o critério de verdade parece ser automaticamente vinculado à FEB e aos seus confederados. Em parte, é verdadeiro que historicamente tem se observado a iniciativa de direcionamento do espiritismo por um caminho único e universal. Contudo, parecem se restringir a tentativas locais e bastante específicas, que não chegam a ter ressonância no movimento como um todo.

Sobretudo, pela crença espírita no livre-arbítrio, o conteúdo da unificação se transforma em diretivas, passíveis de serem seguidas ou não¹⁵.

¹⁵ CAVALCANTI (1983) e FERREIRA (2008) trazem informações interessantes para compreender os consensos e dissensões dentro do movimento espírita, no que tange as iniciativas da FEB de unificação.

3. A Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes

A história desta Sociedade espírita inicia-se em 16 de abril de 1917 e segue com atividades ininterruptas. É filiada à Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS). Localiza-se no bairro Auxiliadora, logo, relativamente próximo ao centro da capital, sem que isso prejudique os ares de tranquilidade daquela região. Tem por patrono espiritual o médico que lhe empresta o nome, Adolpho Bezerra de Menezes (CE, 1831 – RJ, 1900).

Segundo as estatísticas da Sociedade, doravante chamada de SBEBM, é prestado atendimento a cerca de 500 pessoas diariamente, movidos pelo apelo contido no *flyer* de divulgação que diz “Dê uma chance a si mesmo”. Compõe a alta hierarquia de comando, o Conselho de Administração Deliberativo e Fiscal, eleitos a cada dois anos pelos sócios¹⁶ da casa. Contabilizam-se três mil trabalhadores divididos em mais de 31 tipos de atividades, coordenadas por cinco departamentos de trabalho. Ainda, são subdivididas tais atividades em três grandes eixos: os atendimentos, o estudo e a assistência social. Abaixo, podemos observá-los em categorias¹⁷:

a) Atendimentos:

- PRECES E IRRADIAÇÕES
- PALESTRA
- FLUIDOTERAPIA
- ATENDIMENTO FRATERNAL
- ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA-ESPIRITUAL
- ATENDIMENTO ESPECIALIZADO PRESENTE
- ATENDIMENTO EXTERNO
- APOIO ESPIRITUAL
- EVANGELHO NO LAR
- GRUPO DE APOIO ÀS DEPENDENTES QUÍMICAS

¹⁶ Em alguns trabalhos assistenciais não é necessário que o atendido seja sócio. Entretanto, para fins de estudo no ESDE, por exemplo, é orientado que o participante regularize seu cadastro e escolha um valor para contribuição mensal, a partir de 01 centavo.

¹⁷ Retirado do site da SBEBM, em 23/11/2011.

- GRUPO DE APOIO E VALORIZAÇÃO À VIDA
- GRUPO DE APOIO À FAMÍLIA
- GRUPO DE APOIO A GESTANTES

b) Estudo:

- VIDEOBIBLIOTECA
- LIVRARIA
- EVANGELIZAÇÃO
- ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA
- EDUCAÇÃO MEDIÚNICA
- PROJETO DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO (PDC)

c) Assistência social:

- COLETA DE ALIMENTOS E ROUPAS
- OFICINA DE COSTURA
- ATENDIMENTO A INSTITUIÇÕES
- BAZAR
- ESCOLA DE ALFABETIZAÇÃO
- CORAL
- PROMOÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS
- ESTUDO DO ESPERANTO

Os trabalhos na casa são diariamente realizados por voluntários. Com ressalvas, é claro, porque existem trabalhadores assalariados, mas que dificilmente se envolvem nas atividades dos grupos mediúnicos ou de estudo. Além das atividades locais, existem aquelas direcionadas à assistência de outras casas espíritas, creches, asilos, etc, ou seja, voltadas à comunidade. Os itens mais urgentes são anunciados mensalmente num mural dentro do salão principal, fato que estimula a doação. Sobretudo, o trabalho assistencial é característico de centros espíritas, contudo, foi neste lugar que pude observar todo o percurso e as diversas formas encontradas para ajudar, variando desde a confecção de roupas, arrecadação de alimentos e visitas em presídios.

O interesse em estudar este espaço espírita derivada da investigação mais genérica sobre o espiritismo como fenômeno social em Porto Alegre. A ele atrela-se a discussão sobre o campo literário, cujo recorte planejado se dá nas obras espíritas. Todavia, ressalta-se também, o tempo de inserção neste campo, onde desenvolvo atividades de observação participante desde disciplinas anteriores cursadas na UFRGS durante o curso de Ciências Sociais. Torna-se indispensável ressaltar estes aspectos, porquanto exista uma série de interesses em questão, inclusive a do pesquisador.

Há cerca de dois anos frequento com exclusividade este espaço, em comparação ao antigo trânsito por outros centros espíritas, que me auxiliaram a agregar um conhecimento panorâmico sobre estes locais. Entretanto, foi junto à reflexão antropológica que me foi permitido sistematizar, ao menos em parte, a perspectiva empírica da observação leiga. Não sou convictamente espírita, embora, professe alguns postulados filosóficos, quiçá religiosos da doutrina. A causa primeira da minha curiosidade se deu no plano da mediunidade e das manifestações dos espíritos e indagações sobre morte e reencarnação. Provavelmente, são alguns dos motes para o primeiro contato com essa religião.

Sobretudo, o que me chamou a atenção nesta casa especificamente? O que há de interessante e particular, a ponto de me conduzir a este espaço para encontrar minhas respostas, agora não somente pessoal, mas investigativa? A minha pesquisa tinha alguns critérios pré-definidos: deveria ser um espaço onde houvesse biblioteca, livraria, cursos, palestras, etc. Elementos pertinentes a minha investigação, qual seja a relação entre a identidade espírita e sua construção a partir das obras doutrinárias. Achei pertinente considerar o tempo de funcionamento, os atendimentos, a circulação de indivíduos no sentido geral. Ademais, a possibilidade de me inserir neste contexto, ou seja, a acessibilidade que eu teria como pesquisadora.

Por conseguinte, não se trata de uma tarefa fácil conviver com os “meus nativos”, pois está sempre em jogo a minha identidade religiosa, com a pergunta sutil e, às vezes, jocosa dos meus interlocutores “tu és espírita? Ah, mas se não for, certamente será”. É complexo explicar-lhes que tenho interesses “antropológicos”, prefiro adjectivá-los de “científicos”, apropriando-me

do entendimento nativo, calcado no tripé doutrinário ciência, filosofia e religião. Embora, admita que haja uma dose de admiração por algumas figuras, a do próprio Allan Kardec, Léon Dennis, Gabriel Dellane, Camille Flammarion, Francisco Candido Xavier, Bezerra de Menezes e Divaldo Pereira.

Pude observar e participar de alguns trabalhos específicos, todos fazem parte do eixo dos atendimentos: o Ciclo Introdutório de Estudos da Doutrina Espírita (CIEDE), o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), Apoio e Valorização a Vida (AVV), o Preces e Irradiações, Evangelho no Lar, diversas palestras, etc. Menciona-se a palavra trabalho, posto que a partir do momento em que se frequenta algum curso oferecido pela SBEBM você é considerado “trabalhador da casa”. Somente compreendi o fato ao questionar o facilitador do primeiro curso no qual me inscrevi, o CIEDE. Ele me explicou que, quando estamos ali nas aulas, o plano espiritual está agindo, inclusive, utilizando-se dos nossos fluidos pessoais, ou seja, nossa energia serve como instrumento dos médicos e doutrinadores do plano espiritual. Desencarnados são auxiliados com esta energia que emanamos, ao passo que, nós mesmos somos tratados pelos enfermeiros e médico espirituais que ali prestam serviço.

Tão logo, a pesquisa que fiz seguia de entrevistas com membros da SBEBM, a partir de um roteiro criado para a tentativa de solucionar as minhas indagações ou apresentar mais clareza em algum aspecto ainda pouco observado. As entrevistas foram encaixadas ao texto sequencialmente à apresentação dos entrevistados, e estes tiveram seus nomes trocados, bastando à descrição da sua inserção institucional e alguns aspectos importantes para a pesquisa.

Não adicionei todas as respostas das perguntas do roteiro pelo fato de que na essência elas eram bastante semelhantes. Ainda, suprimi boa parte dos depoimentos quando houve fuga ao tema, embora o material em si tenha um valor especial pelos detalhes, que podem ser explorados num outro trabalho. Além disso, a ideia é que o leitor perceba o raciocínio utilizado, mas que, por sua vez, faça sua própria reflexão. Não é o objetivo deste trabalho, apresentar algo “acabado” e espera-se que os leitores sejam críticos.

Ademais, fiz poucas interferências nas falas durante todas as entrevistas de modo consciente, achei que aquele era o momento de ouvir. Quanto ao

perfil dos meus entrevistados na ordem em que aparecem: Ana é membro da direção e praticante há quase trinta anos, sua família tinha origem católica o que a colocava também como praticante dessa religião. A doença de uma filha lhe fez recorrer ao tratamento espiritual do centro espírita. José é coordenador de grupo de trabalho, praticante há mais de 10 anos, ex- católico. Encontrou no espiritismo respostas de questionamentos que outras religiões não souberam lhe explicar. Lucia é trabalhadora da casa, praticante há seis anos, era católica não praticante. Encontrou respostas que precisava no espiritismo. E, por fim, Ricardo, trabalhador da casa, praticante da doutrina há oito anos, não tinha nenhuma religião anteriormente. Somente com a perda de entes queridos é que foi motivado a procurar uma religião.

Por conseguinte, para a conversa iniciar num tom agradável para entrevistador e entrevistado, sugeri que me contasse sobre sua identificação com o espiritismo e que me apontassem uma leitura marcante.

Normalmente, os relatos parecem seguir um padrão e isso, é claro, necessita de um acuramento para ser afirmado. Mas, o indício de uma situação de perda de um familiar querido, de doença grave na família e necessidade de explicações sobre a vida, surgem com ênfase nos casos observados.

Já para todos meus entrevistados, foi unânime o contato com O Evangelho segundo o Espiritismo a leitura marcante. Contudo três deles me afirmaram já terem tido contato anterior com literatura espírita, principalmente com os livros de autoria de Zibia Gasparetto e Francisco Candido Xavier, “Laços Eternos” e “Nosso Lar”. Mas, todos foram enfáticos ao se pronunciarem que dificilmente leem algum romance atualmente. Ana e José fizeram ressalvas quanto ao tipo de livro a ser lido, pontuando a necessidade de uma leitura edificante, calcada no cerne da doutrina. Os dois demais responderam sem tais ressalvas.

Percebe-se, a partir das conversas que o livro “O Evangelho segundo o Espiritismo” guarda a maior parte da “afeição” do espírita. Talvez uma pesquisa mais profunda e direcionada ao estudo sobre a relação do espírita com essa obra de Allan Kardec em parceria com os espíritos, conforme a doutrina, aponte com maior precisão tal relação. Sem esquecer que é ele o instrumento principal do “Evangelho no Lar”, um ritual que consiste de uma prece inicial,

seguida da leitura, aleatória ou não, de trecho daquele livro, reflexão sobre o tema e encerramento com uma prece pelo bem geral da humanidade. Ou nas palavras de José:

Ele é livro que nós podemos indicar para qualquer pessoa. Esse é o livro básico para todo aquele que procura conhecer a doutrina, a consolação e o esclarecimento. Então esse livro é o principal livro, depois vem O Livro dos Espíritos, que daí vem a explicação, um livro que vem trazer mais acerca da questão da explicação racional do mundo espiritual. Então são dois livros assim que eu acredito que são básicos para qualquer pessoa.

Inclusive, Ana mencionou que Divaldo Franco, médium e expositor da doutrina, já leu o Evangelho mais de vinte vezes e que sempre encontrava algo novo nos ensinamentos. Sabemos da importância que aquele médium tem e da sua autoridade no meio espírita, podemos inferir a partir disso a relevância daquela obra. Ricardo afirmou que o “Evangelho” é o livro que lhe conduz ao momento mais sublime da sua identidade espírita, posto que para ele a prática do Evangelho no Lar é frequente e “que dá resultado”. O Quarto apenas mencionou o nome da obra como a mais importante, sem mais detalhes, embora eu o questionasse a respeito.

Em sequência, questionei acerca de leituras indicadas para a formação da identidade espírita, das quais já tinha em mente, através do trabalho exploratório realizado que seriam citadas todas as obras elementares do Pentateuco e feitas algumas censuras prévias. Fiquei surpresa quanto à existência de “uma linha” que observa faixas etárias e conhecimento do leitor.

Ana:

Uma leitura importante e imprescindível é a Revista Espírita que tem os relatos do Kardec com base nas experiências e nas diversas incursões que ele fez, com diversos grupos mediúnicos e situações de manifestações que é um grande esclarecimento e depois a gente vai para a aquela literatura que é complementar que é Leon Dennis, as próprias obras do Chico, boa parte delas nos temos por formação André Luiz, Emmanuel, aquelas obras do Consolador, a coleção que do André Luiz que começa pelo Nosso Lar, traz todos aspectos sobre obsessão, Hermínio de Miranda, Manoel Philomeno de Miranda, Gabriel Dellane, Joanna de Angelis, e toda a série psicológica que é uma literatura complementar, não é doutrinária, mas ela aborda aspectos que tangenciam a doutrina e aplicam a doutrina em circunstâncias do aspecto psicológico, né. Romances históricos do Emmanuel, Paulo e Estevão, Há dois mil anos, esses também são

necessários ara ser ter um feedback sobre a trajetória de Paulo de Tarso, que pra nós que somos cristãos e espíritas é fundamental, é uma inspiração. Sueli que ainda está encarnada, as psicografias de Raul Teixeira, Ivonne Pereira, que toca aspectos de suicídio e desencarne dela.

José:

Depois, tem uns livros que são importantes para quem esta iniciando ou para quem quer se aprofundar. Existem vários livros, uns mais para o publico e outros voltados para o espírita, o trabalhador espírita. E esses livros também marcaram muito, os livros principalmente de Emmanuel. A literatura de Emmanuel, psicografada por Francisco Xavier, foi depois daquelas a s leituras mais marcantes no processo de entendimento da doutrina e também de identificação com o trabalho espírita, que daí já é outro momento. Então é em geral, nós nos baseamos muito na questão do livro do conteúdo, mas se procura ver a origem do livro. Quem são os autores espirituais e os mediúnicos. É, porque existe uma variedade grande de livros, mas muitas vezes é melhor entender um pouco com segurança do que ler muitas coisas sem entender e muitas que trazem informações que não são muito úteis naquele momento apesar de serem chamativas. Então se tem na literatura psicografada por Francisco Xavier uma literatura segura e também por Divaldo Franco e que tem um comprometimento com a doutrina, com o movimento espírita e que são livros, claro que dependendo do tipo de pessoa que vai ler, porque tem livros diferentes níveis de entendimento, só que estes são seguros em termos de orientação doutrinaria. Temos também livros escritos por Bezerra de Menezes, mensagens, livros que são bastante uteis principalmente para os trabalhadores espíritas e esses dois médiuns que psicografaram, eles tem uma diversidade muito grande de livros que abarcam muitas necessidades. Então as demais, são complementares e de acordo com a necessidade. Mas apenas esses dois tem uma vasta literatura que abordam muitos temas. Então não, a literatura, além disso, ela ajuda, mas nesses dois médiuns que psicografaram diversos espíritos tem um leque muito grande de estudo para uma vida toda.

Lucia:

Um iniciante deve ler O Livro dos Espíritos, ponto de partida para as explicações sobre a doutrina, através de perguntas e respostas. Uma criança deve ler O Evangelho Segundo o Espiritismo, obra ilustrada, explicativa. Um jovem deve ler o que estiver dentro de sua área de interesse, um romance espírita, um livro de auto-ajuda, preces, conforme aquilo que busca e que necessita. Porque cada um se encontra em um nível de compreensão. O iniciante quer conhecer a doutrina, deve começar pelas obras básicas. Uma criança aprende melhor com livros ilustrados adequados a sua linguagem e curiosidade sobre os fenômenos da vida e da espiritualidade. O jovem normalmente procura algo que lhe chame a atenção e que tenha sentido relacionado com alguma coisa que está vivenciando. Cada um vive o seu momento

Ricardo:

Creio que após os livros do Kardec, possamos dar crédito aos do Divaldo e do Chico. Eles são fortes na sua essência, pois estão de

acordo com a doutrina dos espíritos. São relevantes nas suas informações porque exploram acontecimentos reais explicados pela doutrina. Para mim, qualquer leitura dessas engrandece o ser humano. Em se tratando de um espírita, lhe determina o nível de entendimento no qual se situa na sua evolução.

Então, após aquelas colocações, conforme a necessidade deste trabalho ser bem delimitado consegue-se inferir que existem dois públicos receptores das obras espíritas, entre eles o público geral, interessado no conhecimento ou curioso pelas ideias concebidas e os fenômenos explicados na doutrina e outro já identificado, considerado trabalhador de alguma casa espírita. Pode-se dizer que há pistas no caminho para o entendimento da relação entre mercado e identidade.

Por conseguinte, há a noção de literatura básica e elementar, ressaltada nas obras de Kardec e outras, como bem pontuaram os entrevistados, de complementar. Contudo isso é algo que necessita de maior acuidade, porquanto a inclusão ou não de alguns livros ali, naquela primeira categoria que outrora foram apontados e que também se encaixariam na segunda, e vice-versa. Portanto, falta consenso, inclusive entre os espíritas sobre este tema. Contudo, houve incidência de citação acerca de se Divaldo Franco, Chico Xavier, os espíritos Joanna de Angelis, André Luiz e Emmanuel, não estariam entre o núcleo principal e não somente como autores das obras complementares. Ressalta-se que aqueles espíritos supracitados, são os autores mediúnicos das obras psicografadas por aqueles mesmos médiuns.

Logo, a reflexão de Ana resume o que cada um me apontou:

E a gente chega a uma triste constatação que assim, o viés espiritualista, uma busca assim, de muitas pessoas, tem aparecido assim, uma profusão de muitos autores que não sobrevivem a uma análise doutrinária mais criteriosa, porque buscam na questão do fenômeno e do fantástico para atrair o público leitor que é ávido pelo entendimento desses fenômenos, pra essas pessoas entre aspas "sobrenatural". Pra nós são fenômenos da nossa natureza, mas que a nossa compreensão ainda não alcança. Muitas vezes para explica-lo de uma maneira científica e vamos dizer assim, acadêmica. Mas existe na área do aspecto científico do espiritismo vários avanços, atualmente é isso, as pessoas se interessam muito pelo aspecto espiritualista, o nosso grande desafio como espíritas é justamente defender, não é sermos ortodoxos, mas nos temos uma responsabilidade nas leituras que nos indicamos e aos autores que nós avalizamos, porque as pessoas tomam aqueles relatos como verdades absolutas e a gente vê alguns autores que iniciaram uma trajetória muito bem, até porque tinham efetivamente aquela inspiração, aquele contato com espiritualidade de uma forma mais estreita, com a espiritualidade

superior, então começaram com obras muito boas e muito consistentes, do ponto de vista doutrinário, e se perderam pelo materialismo e pelo personalismo e aí tu pega as últimas obras e são sofríveis do ponto de vista doutrinário, da visão do fantástico e pra algumas coisas que contrariam princípios básicos da nossa avaliação. Então o que a gente faz com relação a alguns autores, assim é, que nós agora e cada vez mais a gente procura estabelecer um crivo, inclusive a FEB tem um setor que tem toda uma orientação à análise dos livros que se analisam alguns aspectos pra poder avaliar se aquela obra tem consistência doutrinária ou não.

Aqui, a entrevistada estabelece que seu entendimento visa o estudo “científico” da doutrina, ou seja, se refere aos aspectos explicativos criados a partir das análises sérias de Allan Kardec. A ideia de misturar espiritismo com espiritualismo não é agradável para os praticantes e no livro dos Espíritos, o autor já advertia a criação de novos termos para novas coisas, e que os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida. (O Livro dos Espíritos, 1860).

Após isso questionei acerca de um padrão de leitura apresentada em cada departamento, que me foi dito por Ana:

A gente tem uma diretriz única que é a questão das obras básicas, na parte dos fluidos e dos atendimentos que é mais comum a questão do passe etc, tá lá o capítulo XIV de A Gênese que tá lá toda a orientação. Até aí, as obras do projeto Manoel Philomeno de Miranda, são muito boas e bastante utilizadas, a gente procura um eixo doutrinário comum, nós montamos um núcleo que iniciou como núcleo pedagógico e agora é um núcleo de pesquisa que todos os cursos qualificações e preparo de trabalhadores passam por esse núcleo. Ali sentam os diretores, coordenadores, trabalhadores e pessoas estudiosas do espiritismo e que são referências na casa nas suas áreas. Então todos juntos, planejamos e avalizamos os cursos, por exemplo. Pra justamente evitar que um viés um departamento pegue uma via e um só autor [...] Nós procuramos sempre uma consistência de fundamentação doutrinária para não gerar as ditas mistificações, porque tu lidas com questões espirituais aí a tendência das pessoas de criar ritos, procedimentos, “eu preciso fazer assim, senão não vai dar resultado”.

Aqui, a demonstração do cuidado em diversificar o estudo, embora sem que haja a tendência de criar “correntes” dentro da sociedade. Bem como a preocupação de evitar os rituais, elemento negado no discurso espírita, embora o Evangelho no Lar tenha característica de ritual, “é diferente dos atos correntes” e “visa fins práticos”.

José disse que:

Bem, é como falei, existe a literatura mais direcionada pra o público geral voltado para a consolação e para o esclarecimento e

existem obras mais específicas, direcionadas aos trabalhos, aos trabalhadores e aqueles que querem se aprofundar nos estudos. E isto é quem está dirigindo tais trabalhos é que tem verificar o assunto e dentro dele qual o enfoque e a profundidade que vai se tratar. Então se tratando do público, vai se tratar dos conhecimentos básicos da doutrina, elementares, despertando o conhecimento, levando a mensagem de consolação, instigando a buscar o estudo, a buscar o aprimoramento e a reforma moral. Quando se direciona mais para o trabalho, se busca então aquela literatura que atende a necessidade do trabalho para os trabalhadores. Então voltando se ao caso do Preces e Irradiações, se procura aqueles livros que vão levar o trabalhador espírita o mecanismo de funcionamento desse trabalho, usar os seus recursos mentais, se preparar adequadamente, com conhecimento do trabalho, portanto é um conhecimento específico, para quem já passou para outro momento da doutrina, do esclarecimento, depois de ter esse embasamento ele vai se aprofundar no mecanismo da mente para esse trabalho de irradiação.

Este entrevistado frisa os fins práticos das leituras específicas dos grupos de trabalho em contraposição àqueles mais elementares e direcionados ao público geral. Portanto, é perceptível a diferenciação de públicos específicos buscando na literatura espírita o conteúdo condizente com sua percepção sobre a doutrina. Não obstante, um pesquisador curioso sobre os mecanismos da mediunidade procurará em livros o assunto em pauta, conquanto o trabalhador da casa buscará por algo mais prático – como lidar como a mediunidade. Na mesma medida, um leitor “comum”, numa situação de perda de um ente querido, poderá buscar num romance que aborde a perda, a morte, a reencarnação, etc, num enredo romancado que lhe transmita conforto e esperança de reencontrar aquele ser.

Lucia apontou que farão a leitura da série André Luiz, composta por 16 livros e Ricardo disse que se aterão ao estudo das obras doutrinárias de Kardec. Estas duas respostas foram realmente bastante enfáticas e isso pode ser explicado pelo tempo de envolvimento nos trabalhos, onde os entrevistados podem não ter atentado para a presença de uma diretiva de leitura e estudos provenientes da alta hierarquia. Fizemos apenas a menção as obras que estariam estudando no momento.

Perguntei acerca dos critérios, caso houvessem, para seleção de autores e de livros. Ana respondeu:

Bem, a gente, nós nos ocupamos de ter os nossos critérios sobre os autores que destinam seus direitos autorais para obras assistências e para o movimento espírita como tal. A gente não emite julgamentos em relação ao caminho que algumas pessoas acabaram tomando, nós apenas não as indicamos, né. Nós não as incluímos,

nem julgamos suas posturas. A nossa postura é positiva no sentido de indicar as obras que nós avalizamos e como tudo a gente sabe que tem o livre arbítrio e o caminho de escolha dessas pessoas. Por isso tem na FERGS, tem um setor de análise que avalia esses aspectos do ponto de vista doutrinário aliado a esses aspectos adotado pelo autor (direitos autorais). Não é uma via eliminatória total é que o que a gente vê que uma coisa vem *lincada* a outra, porque a pessoa começa a perder a consistência doutrinaria quando há o personalismo. Não quer dizer que seja uma ação taxativa. Se a gente recebeu uma obra que está com consistência doutrinaria, que agrega conhecimento, mas que a pessoa não percebeu que ela recebeu aquilo por intuição e com isso deveria reverter o dinheiro para o seu semelhante, a gente não elimina ela, mas há uma tendência de quando se começa a ir pelo aspecto individualista ela acaba se perdendo do ponto de vista doutrinário. Sem emissão de não leia fulano. E a gente estimula o conhecimento dos nossos trabalhadores e adeptos para que eles tenham a condição de fazer a escolha [...]. Apenas nos preocupamos em não alimentarmos o consumo de tipo de literatura que aborde alguns estereótipos, porque fomentamos identidades que são extremamente negativas e sofríveis. E tais espíritos inferiores necessitam de palco e de intimidação, justamente para colher adeptos que se afinizem com aquela faixa vibratória. Então a gente enaltece a boa literatura e desconsidera, neutraliza esta. E se um aluno nos vem perguntar nós vamos esclarecer, mas é uma atitude que só acontece se há o questionamento.

Nesta entrevista, ela abordou a questão dos estereótipos descritos nos livros que abordam as zonas negras do plano imaterial ou aqueles que falam de espíritos obsessores. Na *cosmovisão* espírita tais locais são habitados por espíritos inferiores, sem, contudo, compreenderem aquelas almas como demônios – em contrapartida a outras religiões. Já os obsessores são espíritos desencarnados que por algum motivo desejam punir ou se vingar dos encarnados. Nas diversas opiniões que venho escutando, é interessante a busca pela neutralização do aspecto do “mal” nas narrativas. A obsessão é vastamente abordada na literatura espírita, em contrapartida, nota-se sua ausência em trabalhos acadêmicos, não obstante, não me estenderei também neste trabalho.

Não obstante, sobre o mesmo ponto, José afirma:

Se busca sempre a fundamentação primeiro nas obras básicas, se verifica nelas e a partir dali os desdobramentos dos livros psicografados por Francisco Xavier, nesse que nós temos uma figura maior. Temos as orientações da Federação, na forma de apostilas, que orientam sobre os trabalhos na casa espírita onde eles dão referência e indicação de leitura para os trabalhos. E, a partir de então da tarefas nós orientamos a leitura de todos aqueles que possam fundamentar aquilo que tem na literatura básica, sempre observando o nível de entendimento dos trabalhadores, então se procura avançar de acordo com o entendimento dos trabalhadores sempre buscando leituras seguras e tranquilas, porque existem livros que tem descrições maiores, mais muitas vezes nós não temos certeza de que esta

situação se aplica a todos os trabalhos ou se é uma situação específica que esta relatando. Então nos temos que sempre associar com as obras básicas e depois com a literatura básica de Francisco Candido Xavier, e também por Divaldo Franco para verificar a coerência.

Nosso entrevistado foi enfático naquilo que o leitor deve buscar: obras que deem continuidade às de Kardec, respeitando sempre o entendimento do leitor, porque são livros que necessitam de um conhecimento prévio da doutrina e apresentam maior dificuldade em função dos termos técnicos amplamente utilizados. Fez restrição aos livros que destaquem excessivamente as descrições dos planos superiores, para não esbarrar na criatividade humana e contrapartida ao que é real.

Lucia, por sua vez, apontou que:

Quem pratica a caridade, promove a paz e o esclarecimento se enquadra ao que o espiritismo estabelece e isso só se reforça a partir da qualidade da obra que foi escrita. Também é importante, ainda que não seja obrigatória, a doação dos direitos autorais para a causa espírita. [...] Que não entre no modismo incutido pela mídia, a partir das telenovelas e filmes, esses tem uma finalidade de explorar a imagem, e não tanto o conteúdo moral do espiritismo.

Aquelas características inicialmente apontadas são parte do modelo de conduta espírita e estão tão esboçadas no capítulo XVII, do Evangelho segundo o Espiritismo. A isso ela vincula a qualidade da obra, que somente pode ser boa devido à conduta moral do autor. Bem como, com ampla difusão de filmes espíritas e o sucesso que tem conquistado atrai pessoas que desejam ingressar no tema para produzir ao mercado, que se agrada dele. Mas, se observarmos o lado positivo, são eles que acabam por auxiliar na divulgação, às vezes, no primeiro contato com a religião justamente por atraírem um amplo público. É um processo contraditório, mas é necessário considerá-los como meios de difusão, assim como as telenovelas.

Ricardo disse que:

É importante não envolver os nomes de figuras respeitáveis como Jesus, Francisco de Assis, Francisco Xavier, Bezerra de Menezes nos relatos, ainda menos, insinuações de que o médium recebeu um convite deles para conhecer zonas superiores da espiritualidade. É praticamente uma infâmia ler algo com esse conteúdo. [...] Tem a questão dos direitos autorais, que tem despertado o interesse financeiro de alguns autores, que acho ser injustificável. Aquele trabalho não é particular, porque você tem que receber algo por ele? Não concordo, acho que nunca irei concordar com isso. [...] Seguir Kardec, dar continuidade a riqueza dos seus preceitos é indispensável ao bom espírita.

O entrevistado sugere a proteção às personalidades históricas, certamente, porque seriam muito procuradas, caso se viessem a ser personagens de um livro, ainda mais quando se trata de descrição de médium, por exemplo. Contudo, tais obras não são facilmente difundidas no meio espírita, aliás, parece soar um alerta quando um livro aborde um tema semelhante, citando personalidades. Isso também remete a ideia do mercado, vista muitas vezes, como algo negativo e só interessado em exploração e acúmulo de capital. Há entre a maioria dos espíritas que contribuíram neste trabalho um sentimento de idoneidade muito forte. Como se fosse somente eles que detêm o conhecimento do que é de cunho espírita e do que é obra da imaginação, ou mera futilidade.

Não obstante, inquiri sobre a trajetória que os divulgadores do espiritismo vinham trilhando e do seu significado para os espíritas, já que eles ajudavam na formação de uma imagem acerca da conduta do espírita. Foram as palavras de Ana:

Kardec, Chico, Divaldo tiveram missões e características distintas. O Kardec foi nosso codificador, intermediário da sistematização, e ele tem uma postura, quanto mais à gente lê suas obras e conhece a trajetória dele a gente vê o quanto ele procura despersonalizar a atuação dele. Ele jamais se coloca como um porta-voz. Ele sempre explica que a doutrina é dos espíritos. O Chico traz uma experiência viva da atitude cristã e espírita, né, porque ele transcendia a questão do espiritismo, ele nos é uma referência para além da literatura, é também da assistência social. Com toda sua humildade, característica que lhe era peculiar, ainda assim, no seu quarto mantinha imagens, tinha resquícios da formação católica dele. E isso absolutamente não desconstituiu a figura e a trajetória dele. E, justamente esta lá na Revista Espírita que o espiritismo não tem imagens, nem símbolos para acolher pessoas de todas as religiões. [...] Agora a tendência é migrar para o Divaldo, porque ele ainda está encarnado, mas ele também tem uma postura permanente desconstruindo o personalismo, porque ele é um orador, tem toda aquela obra muito bonita na Mansão do Caminho, mas ele sempre se coloca como um instrumento dos espíritos. Recentemente, numa reunião entre as federativas de todos os estados juntamente com FEB, o Divaldo nos presenteou com dois momentos, um foi perguntas e respostas sobre mediunidade e no momento final ele nos trouxe a mensagem e a transfiguração em Bezerra de Menezes, fisionômica e de voz. [...] E o Divaldo, com a simplicidade que lhe é familiar teve aqueles momentos conosco de trabalho, nunca como celebridade. E nós nos acostumamos com isso, porque temos o maior respeito pela sabedoria e pela trajetória dele. [...] Mas os espíritas tem esse entendimento de maneira geral, mas é claro, para quem vê de fora, busca referências assim como as que existem noutras religiões.

José afirma que:

Não é uma questão de ter preferência por um e por outro, a questão é se eles estão seguindo de forma coerente os princípios da doutrina e também como se diz no Evangelho se conhece o profeta, no caso aquele que assume uma tarefa, pelo seu modo de agir. Então nós temos que ver a coerência do autor, sua conduta no movimento e também sua prática. E quanto a esses autores, não podemos juntá-los num mesmo grupo porque têm autores que dão seguimento à doutrina, outros tem interesse de, talvez, de editoras, nesses livros. Eu diria que, a questão dos autores contemporâneos não é a diferença deles com os primeiros, mas dentre eles quais são os que estão dando seguimento à doutrina, aquela proposta da doutrina, coerente com os postulados fundamentais e isso claro, podem ajudar na difusão da doutrina, ajudar no esclarecimento, mas é uma questão de conhecer, assim como em todos os momentos. Tem aqueles que têm uma mensagem que pode ser duvidosa. Temos que estar sempre buscando discernir.

Lucia diz:

Chico escreveu mais de 400 livros, impossível ler todos; mas pela sintonia com seus mentores pode-se diferenciar seu estilo, sua singeleza, sua bondade. Temos excelentes autores novos, escrevendo para um mundo mais moderno, com outros problemas, outras angústias, então em outro estilo. Tanto a cultura se moderniza, quanto a linguagem e a produção literária é um reflexo da própria sociedade.

Ricardo afirma que:

Para mim não importa de qual vertente é o autor, se é novo se é antigo, entende. Gosto da boa leitura e de entender o que ela tem a dizer. Acho o Chico um símbolo do espiritismo brasileiro e o Divaldo é seu continuador. De Kardec, só restou o legado, importantíssimo, por sinal. Mas ele era europeu, né? Está um pouco distante de nós, Mas é importantíssimo. [...] Não gosto de rotular os autores, mas tem aqueles que só querem aparecer na mídia, falando sobre espiritismo. Agora, veja, até as novelas!! [Risos]. [...] Enfim, já estão querendo saber quem será o herdeiro do Divaldo, afinal, ele já está com seus 80 e poucos... Por enquanto, paramos no Divaldo, um grande divulgador e escritor espírita, embora, né, seja a Joanna que dite as obras.

Mantém-se ainda em Kardec, Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco, os referenciais da doutrina, pela consistência de suas obras, e, sobretudo, pela sua conduta diante da vida. Suas biografias são conhecidas e debatidas nos centros espíritas pela sua função modelar. As trajetórias, não apenas como seguidores do espiritismo, porquanto, como a grande maioria, a filiação religiosa inicial deles não era espírita, também são alvos da admiração de pessoas sem o vínculo religioso. Contudo, está havendo uma mudança de paradigma, em razão da mudança da sociedade. Portanto, poderemos perceber daqui em diante mudanças até na abordagem de temas fundamentais dentro do espiritismo como morte, reencarnação, moral, reforma interior, etc,

no sentido de readequar a linguagem e até mesmo na forma de vivenciar o espiritismo.

Para finalizar, já que a própria identidade do grupo é formada a partir de uma profunda relação com o centro espírita onde exercem seu trabalho voluntário, sugeri que compartilhassem alguma informação sobre o patrono da Sociedade, que lhe empresta o nome – Bezerra de Menezes. Justifica-se, pelo fato do médico espírita também ter escrito livros e ser um dos expoentes da identidade espírita no Brasil, ou como gostam de afirmar, uma figura histórica do espiritismo. Creio que apontar para as representações do grupo seja um caminho produtivo para conhecer as narrativas que eles se animem a compartilhar. São as palavras do entrevistado 1:

Ele é o nosso patrono, está lá no livro psicografado por Chico, “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, quando o mundo estava na época das Cruzadas e aquela mortandade em nome da religião e Jesus então vem com um grupo de espíritos superiores visitarem as terras mais ao sul do planeta visando à migração da árvore do evangelho para outra região do planeta dado ao conflito enraizado que aquelas regiões têm, inclusive hoje. [...] Então ele é um marco do movimento espírita no nosso país. Como médico e político, toda a trajetória dele, o fato de se assumir espírita, naquela sociedade, deu um salto no trabalho pela unificação, porque o trabalho dele na FEB foi de primordial relevância pros aspectos de unificar o movimento. Isso porque havia, aqueles que pendiam mais para o lado da medicina e outros para a religiosidade, e ele nessa comunhão de esforços, fez de tudo pra que aqueles se sentissem espíritas sem segmentar essa identidade. Ele foi muito importante nesses aspectos, não só também como testemunho, mas como médico, ele era conhecido por “médico dos pobres”, pelo reconhecimento da sociedade. Então ele é uma grande referencia para nós pelo ponto de vista do movimento espírita, da estruturação e das diretrizes que ele continua passando. Se pegares o Reformador, nas reuniões do conselho federativo nacional, ao longo dos anos, ele se manifesta com orientações para nós, para a questão do espiritismo. E tem um autor o Jorge Damas, que escreve muito sobre a trajetória de BM e conhece muitas casas que levam o nome do nosso patrono e ele identificou características comuns nessas casas. Como se fossem filiais de uma mesma fonte, ele estudou alguns estatutos de casas BM e elas se assemelham, porque passam por um comando espiritual único e acima do lado humano. E isso chamou atenção dele, porque como ele trilha o Brasil, ele escreveu “O Décimo Terceiro Apóstolo” que é sobre Bezerra de Menezes e outras literaturas pautadas no nosso patrono, bem como identificou tais traços comuns nas casas. Ele já visitou nossa casa em duas oportunidades. Enfim, Bezerra de Menezes é uma referência de atitude cristã, de homem de bem, da caridade, mas o trabalho de unificação é mais latente para nós. Nós nos pautamos por tais atitudes, porque nossas atitudes vão refletir na vida de outras pessoas.

A narrativa disserta sobre um aspecto um tanto mitológico, alinhavando o aspecto espiritual com a passagem terrena de Bezerra de Menezes e sua

missão organizada no Brasil, estendida hoje as Américas. Na sua passagem terrena, fato que podemos avaliar, sua importância para o espiritismo foi marcante. Ademais sua contínua atuação é amplamente comentada entre os espíritas e podemos entendê-la como parte da “máquina narrativa espírita” (Lewgoy, 2000), que pode ser compreendida como uma forma de organizar a experiência e de se disseminar tal conteúdo entre os participantes.

José diz:

Ele é um trabalhador incansável da espiritualidade, um mensageiro da caridade, um espírito muito humilde e por isso mesmo muito elevado, que se faz presente aonde for necessário, tanto no acolhimento a uma pessoa que está sofrendo quando na organização dos trabalhos da casa espírita. E ele mais que um autor espírita, ele é uma referência de trabalho, tanto no plano físico quanto no espiritual, isto é grande referência nossa, pelo que fez e faz, pelas mensagens de orientação. Tanto em nível das necessidades quanto das tarefas dos trabalhadores. E tem várias obras, e um dos livros que trabalhamos na Preces e Irradiações, que é muito bom “A Coragem da Fé”, destinado ao trabalhador espírita que desperta confiança apesar das dificuldades, ele coloca a questão da dificuldade porque nós temos algumas situações a resgatar, seja nas tarefas ou na vida pessoal. E nos dá a fé de suportar isto e seguir com alegria trabalhando com alegria na casa espírita. A literatura de BM se destina especialmente, aos espíritas, aos trabalhadores. Ai assim claro que todos o conhecem com o apóstolo da caridade, mas a literatura que ele produziu é voltada aos espíritas.

A *cosmovisão* espírita mantém conforme percebemos nos depoimentos em geral, laços fortes entre o plano espiritual e terreno, fato que também repercute na literatura. Contudo pelo entendimento que obtive a partir das informações coletadas é que há um limite na exploração do plano espiritual nas obras. Há ponderações a serem observadas para que jamais o fantástico e o inusitado venham a suprimir a mensagem doutrinária, pautada no desenvolvimento moral do ser humano. E em se tratando dos *filtros* que imaginamos existir, é um indício de desclassificação a abordagem voltada aos fenômenos em detrimento daqueles.

Em suma, tinha-se como base de orientação para esta pesquisa sobre a literatura espírita as definições já propostas por Cavalcanti (1983), onde esta autora aportou o significado das cinco obras codificadas, chamados de “O Pentateuco espírita”. Em seu trabalho, teremos um entendimento mais claro da importância de cada obra, onde aquela autora define:

A codificação é um conjunto de cinco obras: o *Livro dos Espíritos*, que aparece pela primeira vez em 1857, e contém "o núcleo e arcabouço geral da doutrina"; o *Livro dos Médiuns*, continuação do primeiro e que "pesquisa o processo das relações mediúnicas, estabelecendo as leis e condições do intercâmbio espiritual"; o *Evangelho segundo o Espiritismo*, que explicita o conteúdo moral da doutrina; *O Céu e o Inferno*, que discute "as penas e gozos terrenos e futuros"; *A Gênese, os Milagres e as Predições*, que "trata dos problemas genésicos e da evolução física da terra". (CAVALCANTI, p. 16).

Não obstante, neste trabalho a partir das entrevistas, e de acordo com as observações realizadas, presumo que "O Evangelho segundo o Espiritismo", por explicitar o "conteúdo moral" da doutrina é aquele que reúne em si o núcleo sagrado da doutrina, seguindo o olhar durkheimiano. Não objetivou-se separar estas obras em qualidade, pelo contrario, o intuito era apresentar as obras que seriam referenciais para a manutenção da identidade espírita.

Logo é relevante mencionar a postura que os fiéis adotam frente à relação com o *sagrado* da sua religião. Durkheim (2003) propõe tal mediação como um rito que "*são modos de ação determinados*" e "*regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas*". Ou seja, a conduta moral é o alicerce do entendimento espírita da maneira de ser no mundo, é a sua orientação e revela o entendimento sobre sua identidade religiosa. Outrossim, a lógica de entendimento dos mecanismos mediúnicos e do conhecimento científico, estes incutidos nos fenômenos que são racionalizados nos demais livros do Pentateuco são de segunda ordem.

Logo, salienta-se na prática do "Evangelho no Lar", que vem se popularizando entre os espíritas, o significado sacral do livro "Evangelho segundo o Espiritismo". Fora do centro espírita ele é o ritual mais eficaz na ligação com o plano espiritual, à medida que ele invista na intensidade daquele momento. Ele vai além de uma prece, aliás, utiliza-se dela para abertura e fechamento dos trabalhos, contudo seu sentido é mais envolvente, pela razão de reunir outras pessoas para compartilhar da reunião. Quer-se com isso, ressaltar que a prece é um momento individual, de interiorização, contudo, a prática em questão, é um momento de abertura, de exteriorização e de comunicação, não apenas com os espíritos, mas com os semelhantes encarnados.

Portanto, crê-se que ela seja a obra que guarda maior significado acerca da doutrina espírita, obviamente, isso será debatido, mas esta suposição é fundamentada pelo papel desse livro na conduta do espírita e pelo reforço ritual trazido para o lar do praticante. Talvez a ênfase dessa obra possa ser o reflexo de uma ação proveniente da FEB para recobrar o aspecto da unificação espírita, em vista da tendência de polarização entre ciência, filosofia e religião, buscando elementos que possam coadunar a tripartite na qual o espiritismo tem sido fragmentado. A iniciativa de recobrar a unificação do movimento em torno de si pode ser questionada, como apontou Cavalcanti que a própria noção de Movimento Espírita enfatiza a *"não-existência de uma instância superior com poderes para ditar normas"* (1983, p.21). A mesma autora aplica à argumentação o fator "livre arbítrio" em detrimento de supostas orientações superiores da FEB.

Oliveira (1983) ressalta a ideia de identidade social, tendo em vista que a identidade pode ter duas dimensões, uma que é construída pelo sujeito e aquela que é constituída pelo entorno, pelo grupo. A argumentação revela o sentido da identidade espírita perante as demais religiões e também quando consideramos a literatura espírita diante das demais. Existe uma construção identitária que remete à leitura e o estudo do Pentateuco diante de uma leitura descompromissada, que pode ser feita por qualquer leitor. Conforme o entrevistado 1, a busca espiritual de muitas pessoas faz com que haja profusão de muitos autores ditos espírita, não obstante feita a análise doutrinária criteriosa, eles podem ser descartados. O motivo é que tais autores salientam as questões fenomenológicas para atrair esse público leitor.

A proposição da identidade social bem demarcada delimita as fronteiras literárias por refletir nelas aspectos que avalizam o conteúdo das obras ditas espíritas. Sabe-se que tal atitude pode ter um viés arbitrário, pelo fato de tentar dimensionar autores e obras dentro de um arcabouço criado por critérios da religião diante da ação das editoras e livrarias, despreocupadas com a tônica da identidade nos moldes discutidos neste trabalho.

Conclusão

Quando parti para o campo, com algumas questões pré-definidas por um roteiro, algumas hipóteses de antemão, tinha a sensação de as respostas viriam um pouco engessadas e fáceis de pontuar. Um risco que a inexperiência oferece... Realmente, obtive um material interessante de averiguar, embora fossem quatro entrevistas, a medida das transcrições o material se avolumava. Crescia junto a isso, a vontade de acrescentar mais alguns pontos que não haviam ficado claros, novas informações e algumas curiosidades provenientes das observações. Contudo, eu tinha um cronograma a ser respeitado.

Não obstante, me ative as entrevistas pelo fato de crer que dando voz aqueles que vivenciam aspectos que não domino, pudesse satisfazer meus questionamentos e que tais vozes não comprometeriam o viés acadêmico do trabalho. É como se estivesse olhando novamente, só que com novos olhos – oferecidos pelos meus entrevistados. Se o antropólogo vem a ter um pouco de autor, só espero não ter intrometido demasiadamente a minha visão, seja na parte acadêmica ou na de participação junto ao ambiente estudado.

Inicialmente, questionei como se estabelecia entre os espíritas kardecistas os parâmetros para leitura no que tange a formação da identidade espírita. Com base nas entrevistas e no que observei à época das entrevistas, semanalmente, existem critérios para seleção de autores e de livros. Justamente, porque existe um mercado que os disponibiliza, no entanto, o mercado em si não está preocupado com tais critérios. O necessário para este é vender. Se caso fosse consumir tudo o que há de disponível, talvez não pudéssemos falar numa identidade, porque o mercado é muito diversificado. O mercado também abre espaço para discutirmos a noção de *trânsito*, porque nem sempre são somente os espíritas que se interessam pela literatura, existe um fluxo de leitores, quer por curiosidade ou por estudo da doutrina adquirem as obras – para reflexão ou para crítica.

Ter-se-ia então, alguns pontos a salientar: publico leitor e publico trabalhador. O primeiro é representado pela parcela maior de leitores que buscam conforto ou uma leitura despertada pela curiosidade sobre o tema do espiritismo em si, para *estar por dentro* do assunto. Nessa categoria, inclusive

pesquisadores podem ser incluídos. Já o segundo, a leitura comprometida com o sistema doutrinário representa além da mudança de *status* na instituição, a vivência propriamente dita daquelas ideias. Estes não são meros leitores, e que isso não signifique que os demais estejam num patamar inferior, mas é que é preciso considerar a lógica que perpassa a identidade espírita. Ou seja, para eles, a leitura não é acontecimento casual porque eles buscam na mesma a essência de uma *leitura edificante*, portanto já neles está contida a noção de *desmistificação*. Em outras palavras seria afirmar que eles já estão dotados do *filtro* que os torna capazes de discernir entre uma leitura que seja propícia ao seu grau de inserção institucional – a sua identidade espírita.

De outro modo, a obra elementar, o núcleo sagrado da religião representada pelas obras de Allan Kardec. Ainda assim, tenciona-se apontar o livro “O Evangelho segundo o Espiritismo” como aquela obra que desponta das demais e, que em si guarda um significado muito forte da doutrina, justamente, porque vem a sustentar a parte moral do sistema kardecista. Não menos relevante, a ela está atrelada a prática do culto do “Evangelho no Lar”, no qual os integrantes da reunião, de cunho privado e familiar, comentam um trecho aberto ao acaso daquele livro.

Bem como, a leitura complementar, que não se restringe somente aos livros romanceados, posto que ela abarque autores que são continuadores da doutrina. Representam esse grupo, Camille Flammarion, Gabriel Dellane, Leon Dennis, Divaldo Pereira Franco e Francisco Xavier. O aspecto de livro complementar parece ainda não ser algo definido, apenas está-se sugerindo, para o devido entendimento da proposta inicial.

Até então, podemos afirmar que alguns fatores são determinantes para a construção da identidade religiosa com referência ao campo literário. São elas a criação de um elenco de obras essenciais, seguida por obras complementares que seguem o teor doutrinário, sem esquecermos dos romances que têm por objetivo trabalhar os ideais de Kardec, valendo-se de situações profanas. Por conseguinte, há uma preocupação quanto à postura do autor diante da doutrina e do movimento espírita, ou seja, o quanto ele as promove, bem como, o quanto ele se auto-promove.

Além disso, os critérios de verdade parecem versar de modo genérico, ou seja, eles se constituem de um grupo de tópicos-chave orientados por Kardec com referência à postura do espírita - um *código de ética* interno calcado nos preceitos de humildade, caridade, verdade e sabedoria. Uma *conduta espírita* baseada na postura do *homem de bem*. Um exemplo bastante taxativo é a reversão dos direitos autorais para obras assistenciais. Tal fato fez espíritas migrarem para outras práticas religiosas, caso da família Gasparetto.

Pode-se sugerir que os critérios se preocupem, basicamente, com que as obras não comprometam o viés doutrinário, não se excedam em descrições dos planos superiores, somenos, que se utilizem de figuras conhecidas e populares, somenos que elas venham a ter tido contato com o médium-autor. Somente figuras como Divaldo Franco é que teriam tal liberdade, posto que seja um considerado espírito superior.

Frente à discussão sobre sagrado e profano tem se a ressaltar a característica das obras. O Pentateuco foi escrito em parceria com o plano espiritual superior e por tal razão elementar, ele difere dos demais. A participação de Kardec se deu no sentido de “materializar” aquelas informações como parte da sua missão. A obra revelada guarda um status inalcançável pelas posteriores. Estas são profanas por essência, não obstante sua criação através da mediunidade do autor que a concebeu. A qualidade moral e a elevação da conduta desse não interferirão no *status* daquela. Chico Xavier apresentou obras de qualidade, influenciadas por seu principal mentor, Emmanuel e por outros espíritos evoluídos, segundo o sistema de crenças espírita. Contudo, sua obra não pode ser enquadrada ao tipo sagrado conforme nossa análise.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo. Religião em transição. In Duarte, Luiz (org). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil (Antropologia). São Paulo: ANPOCS, 2010.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo IBGE-2000. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Orgs). *As religiões no Brasil*. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

CAVALCANTI, Maria Laura. O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália, 2003.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Tradução de Rogério Fernandes.

FERREIRA, Fernanda Flavia M. Espiritismo kardecista brasileiro e cultura política: história e novas trajetórias. Dissertação de mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2008.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. I.ed. Rio de Janeiro : LTC, [1973] 2008.

_____. Uma nova luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 149-165.

GIUMBELLI, Emerson. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997

KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. França, 1860. Tradução FEB.

LAKATOS, Eva M. Instituições sociais. In. Sociologia Geral, 4ªed, São Paulo, Atlas, 1982, p. 152-181.

LEWGOY, Bernardo. Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 2000.

_____. O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. In. Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 6, n. 6, 2004, p. 51-69

_____. Uma religião em trânsito: o papel das lideranças brasileiras na formação de redes espíritas transnacionais. In. Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 13, n. 14, setembro 2011, p. 93-117.

LUKES, Steven. Bases para a interpretação de Durkheim. In COHN, G (org.) Sociologia: para ler os clássicos, 2ª edição, RJ: Azougue, 2009, p. 15-54

MAGNANI, José G. C. Religião e Metrópole. In. Religiões e Cidade: São Paulo e Rio de Janeiro, MAFRA, Clara e ALMEIDA, Ronaldo (orgs), SP, Ed. Terceiro Nome, 2009.

MICELI, Sergio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. In. Revista Tempo Social – USP, abr/2003, 63-79

OLIVEIRA, Roberto C. Um conceito antropológico de identidade. In: Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. Capítulo II. p. 33-52.

SALLES, Walter. e SANTOS, Johnny. O “mundo do texto” e a construção da identidade religiosa no islamismo. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 20, nº 3, p. 358-377, set/dez 2010.

STOLL, Sandra J. Espiritismo à brasileira. São Paulo: Editora da USP; Curitiba: Ed. Orion, 2003.

Apêndice A: Quadro de análise das entrevistas

Pergunta	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Leitura de contato	Evangelho segundo o Espiritismo Laços Eternos e Nosso Lar	Evangelho segundo o Espiritismo Livros Francisco Xavier e Divaldo	Evangelho segundo o Espiritismo Livros Francisco Xavier	Evangelho segundo o Espiritismo
Leituras para a formação da identidade espírita	Leon Dennis, obras do Chico, Hermínio de Miranda, Manoel Philomeno de Miranda, Gabriel Dellane, Joanna de Angelis, Raul Teixeira, Ivonne Pereira, etc	Obras de Francisco Xavier e Divaldo	O Pentateuco de Kardec	O Pentateuco de Kardec Obras de Francisco Xavier e Divaldo
Padrão de leitura em cada departamento	O cap. XIV de A Gênese; Projeto Manoel Philomeno de Miranda	Livros de conhecimento específico voltado ao trabalho	Leitura da série André Luiz, composta por 16 livros	Estudo das obras Kardecistas: Evangelho segundo o Espiritismo
Crítérios de seleção de autores/livros	Autores que destinam seus direitos autorais para obras de assistências e ao movimento; Ponto de vista doutrinário; Livros que não abordem estereótipos;	Obras que deem continuidade a de Kardec, as orientações da Federação, na forma de apostilas, que orientam sobre as referências ; Não exceder em descrições dos planos espirituais	Quem pratica a caridade, promove a paz e o esclarecimento; Doa os direitos; Restrição ao modismo	Não envolver os nomes de figuras respeitáveis; Doar os direitos; Seguir Kardec
Trajatória dos divulgadores e significado	O Kardec foi codificador, intermediário da sistematização, O Chico traz uma experiência viva da	Diferencia os autores contemporâneos dos anteriores; Alguns tem mensagens duvidosas	Chico tem sintonia com espíritos superiores; Novos autores que escrevem para um mundo mais moderno, com outros problemas.	Chico foi um símbolo do espiritismo brasileiro e o Divaldo é seu continuador. De Kardec, vem o legado, mas ele era europeu.

Apêndice B

Perfil dos entrevistados

Ana	José	Lucia	Ricardo
Membro da direção e praticante há quase trinta anos	Coordenador de grupo de trabalho, praticante há mais de 10 anos	Trabalhador da casa, praticante há seis anos	Trabalhador da casa, praticante da doutrina há oito anos
A doença de uma filha lhe fez recorrer ao tratamento espiritual do centro espírita.	Encontrou respostas de questionamentos que outras religiões não souberam lhe explicar.	Encontrou respostas que precisava.	Perda de entes queridos.
Era católica	Idem	Idem	Não tinha religião